



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Nos Dias da Mocidade

Jónatas Braga

Oh! Lembra-te de Deus na tua mocidade,
antes que da tristeza a névoa enegrecida
possa encher-te de mágoa e de temeridade
e venha escurecer-te o céu azul da vida.

Antes que as tuas mãos te tremam de cansaço
e não possam guardar-te a humilde habitação,
antes que os joelhos teus, ao dares tu um passo,
se cheguem a dobrar e arremessar-te ao chão.

Antes que os dentes teus, os fortes moedores —
que vivem a cantar sobre esforços insanos,
comecem a estancar os seus ledos rumores
com passagem subtil dos dias e dos anos.

Antes que, num silêncio amargo e mui profundo,
a luz dos olhos teus se venha a escurecer
e essas janelas de ouro em que fitas o mundo
não possam mais se abrir no céu do teu viver.

Até à vista!

Estimados Irmãos:

Cinco anos passaram rapidamente. O nosso período de serviço, que agora finda, nos campos desta União e particularmente na Itália, sobrecarrega a nossa partida com recordações de horas felizes vividas juntos, trabalhando em favor das crianças e da juventude adventista.

Agradecemos ao Céu esta oportunidade que nos foi oferecida, e, às crianças, aos jovens e aos irmãos em geral, colaboradores e colegas no ministério, o apoio que nos foi dado na luta pelos ideais M. V. e pela Educação Cristã. Obrigado também pela amizade e companheirismo daqueles que, sinceramente, nos campos, instituições e igrejas, deram o melhor de si mesmos para que esta causa comum se fortaleça, alcançando novos objectivos e projectando-se assim, com fé, em direcção a novas fronteiras de serviço.

Hoje como ontem, ao saudar-vos, desejo recordar-vos que QUEM nos chamou exige de cada um de nós responsabilidade e entusiasmo, e, por outro lado, pede-nos fé e humilde determinação para conseguir maiores vitórias. O ideal, o que havemos de alcançar, está acima da nossa imaginação. Deus traçou-nos um caminho excelente de contínua superação, até que cheguemos ao Lar Eterno. Unamos as mãos e o coração com Cristo, a fim de obtermos pessoalmente essas vitórias, dia a dia, e o nosso serviço de amor continuará a dar frutos agradáveis para a Eternidade.

A cada momento de 1978, o Céu fica mais próximo da vida particular de cada um de nós, uma vez que Cristo é a nossa única esperança de glória. Em vista desta realidade, recordar-vos-emos nas nossas orações e rogamo-vos que vos lembreis também de nós quando orardes, até que nos tornemos a ver, aqui, noutras paragens, ou «para além do Sol», no celeste Lar dos remidos... Arrivederci! Até à vista!

Com amor cristão,

Hugo Visani e família

CURSOS DE FRANCÊS NO SEMINÁRIO DE COLLONGES

Porque não aprende o francês tal como é falado na França? Venha no próximo Verão, de 18 de Junho a 28 de Julho, seguir os Cursos de Francês do Seminário Adventista de Collonges e visitar o Monte Branco, os lagos suíços e Genebra.

Para obter informações pormenorizadas, escreva para:

DÉPARTEMENT DE FRANÇAIS MODERNE
SÉMINAIRE ADVENTISTE
COLLONGES-SOUS-SALÈVE
74 160 — ST. JULIEN EN GNEVOIS
FRANCE

SUMÁRIO

Nos Dias da Mocidade	Até à Vista
Página Editorial —	Semana de Oração da Juventude
Leituras para a Semana de Oração M. V.	O Meu Problema é que Sou um Exagerado
	O Meu Problema é que Sou um Fala Barato
	O Meu Problema é que Tenho uma Visão tão Deformada
	O Meu Problema é que Sou um Charlie Brow
	O Meu Problema é que Tenho esta Pequena Fraqueza
	O que me Desgosta é que Facilmente me Esqueço
	O Meu Problema é que Estou Perdido
	O Meu Problema é que Eu me Menosprezo
	Actividade Cristã
	Notícias do Campo

revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IREJA ADVENTISTA DO RETIRO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal
FEVEREIRO 1978

ANO XXXIX

N.º 377

Director: ERNESTO FERREIRA

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLANTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACA VEM

Composto e Impresso na
TIP. ANTUNES & AMILGAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C - Lisboa

Preços:

Assinatura Anual 70\$00
Número avulso 7\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

Semana de Oração da Juventude

Cada ano dedica a Igreja Adventista do Sétimo Dia uma semana especial aos jovens. A data estabelecida para Portugal é, este ano, de 11 a 18 de Fevereiro.

É esta uma Semana de importância particular e ocasiões como esta têm assinalado decisões que vieram a determinar o sentido da vida de muitos jovens. Constituem seus objectivos aprofundar a vida espiritual da juventude que frequenta a igreja; procurar e reconduzir à mesma aqueles que por qualquer motivo se afastaram; atrair para Cristo os que ainda O não conhecem; estimular os jovens a testemunhar da sua fé por meio de trabalho missionário; levar toda a igreja a interessar-se pela salvação dos seus jovens.

Para obter o maior êxito desta Semana, convém que a Direcção de cada Sociedade de Jovens siga tanto quanto possível as sugestões que lhe foram fornecidas directamente pelo Departamento da Juventude, mantendo-se em contacto com o pastor da igreja, a fim de, em conjunto, estabelecerem os melhores planos.

Deve prestar-se cuidado especial ao exame do registo dos jovens que vêm à igreja e da-

queles que estão afastados, a fim de que durante esta Semana se faça o possível para que todos assistam às reuniões. Quando seja necessário, nomeiem-se as pessoas que vão estar em contacto com os desviados. Por outro lado, é esta uma boa oportunidade para que cada jovem traga às reuniões algum ou alguns dos seus amigos que ainda não entraram em contacto com a igreja.

Durante as orações, convém que os jovens sejam distribuídos em pequenos grupos. Desta forma, até os mais pequeninos não sentirão acanhamento em fazer a sua oração.

A Semana não devia terminar sem que algo de concreto se tenha feito no sentido de alistar alguns jovens na Classe Baptismal e organizar grupos de trabalho missionário.

Para que perdure uma boa recordação na mente dos jovens, um passeio de confraternização no Domingo que se segue ao fim desta Semana não deixará de ajudar.

Permita o Senhor que a Semana dos Jovens deste ano seja abundante em bênçãos para a Igreja.

Ernesto Ferreira

POR ROBERT R. PARR

SÁBADO, 11 DE FEVEREIRO

O MEU PROBLEMA É QUE SOU UM EXAGERADO

Sou uma pessoa bastante parecida convosco. Gosto de três refeições por dia (apesar de fazer da última uma refeição leve) e gosto de ter alguns dos confortos essenciais, tais como: uma casa quentinha no Inverno, um cobertor eléctrico na cama quando o vento ruge e o mercúrio desce; gosto de refrescos num dia quente, saladas no Verão e comida quente quando o tempo está frio. Gosto de lareiras e de ar condicionado e gosto também de um bom carro. Gosto de me sentar e olhar para o mar. Gosto de paz no meu lar, muitos livros bons à minha volta com uma cassete de Beethoven no gravador. Gosto da comida que a minha mulher faz e também da sua arrumação (pois compensa a minha desarrumação). Pensando bem, também gosto da minha mulher, mais do que qualquer outra coisa.

Porque vos digo tudo isto? Porque quero que saibais que, na maioria das coisas, sou bastante parecido convosco. Há outras coisas de que gosto, que vos poderia ter dito — como o meu trabalho, refeições a horas, a habilidade da minha mulher no jardim, o facto de que ela gosta desse trabalho e nunca me importuna pedindo que lhe arranque as ervas (ela sabe que daria cabo de mim se andasse a arrancar ervas, assim manda-me ir jogar golf enquanto arranca as ervas e cava a terra). Sim, aprecio um jogo de golf — o qual jogo muitíssimo mal.

Como vêem, sou exactamente como vós, o que me traz ao ponto seguinte: O nome desta série. Quando me pediram para fazer este trabalho, parei para olhar seriamente para mim mesmo, e francamente não gostei nada do que vi. Nem um bocadinho. Vi ali sentado um carácter bastante enxovalhado. Bem, acho que não admitiriam isto se fôsseis um ministro, assim talvez que o editor risque este bocadinho, mas espero que não o faça. Assim faz-me mais parecido convosco, porque se me permitis adivinhar, direi que por vezes também tendes olhado para vós próprios e que franzis a testa em sinal de que também não gostais muito de vós próprios. Sei exactamente como

vos sentis. Por isso pensei que seria um bom exercício se pudéssemos ir — assim como que de mãos dadas — esta semana e fazer um exame crítico de nós próprios em lugar de fugir das nossas fraquezas e não nos iludirmos mais com a ideia de que somos umas pessoas razoavelmente boas, por não nos rirmos dos aleijados ou não dizermos palavras feias na igreja. Vós e eu sabemos bem que há muito mais que se lhe diga do que isto, ou não é assim?

O que me fez pensar no título para hoje: O meu problema é que sou um exagerado? E em que é que eu exagero? Em mim próprio, é isso... Sabem, em ocasiões como esta, inclino-me a olhar bem para mim, estremeço e digo a mim mesmo: «Ó papá, tens que fazer melhor do que isto. Bem sabes que és capaz. Com um pouco de esforço.» Eu já fiz isto tantas vezes que se eu tivesse juízo eu já saberia que sou aquele velho e eterno fracassado sempre com a mesma conversa e esperando por um qualquer milagre que nunca acontece. Este estado de coisas pode ir até ao infinito. E também até às náuseas.

Sim, eu exagero comigo mesmo. E sabem uma coisa? Não sou o primeiro a fazer isto. O velho Paulo, aquele veterano da carreira cristã, marcado pela guerra, sabia quão miseravelmente fácil era esfolar as canelas nalguma rocha escondida; que exagerando consigo mesmo poderia fazê-lo estatelar-se na lama. Assim escreveu a seus paroquianos e disse-lhes. Estas são as suas próprias palavras: «Aquele pois que cuida estar em pé, olhe não caia.» (1 Cor. 10:12). É por isso que somos todos propensos a cair — pensamos que estamos em pé... podemos ficar em pé... estamos sempre em pé... por nós próprios. Muito em breve estamos a dizer a nós mesmos: «Estou-me portando esplendidamente. Durante esta semana ainda não café. Afinal consegui.» Então, sem aviso, catrapuz! Beijaste o chão. Estás estatelado na lama outra vez com o pé de alguém no teu pescoço (e se te parece ser o pé do diabo, não fiques surpreendido; é esse mesmo!).

Comentando este texto, a Irmã White faz um resumo tão bom que tenho que vos chamar a atenção para ele: «Tornassem-se eles presunçosos e cheios de confiança própria, negligenciando vigiar e orar, e cairiam em grave pecado atirando sobre si a ira de Deus.» (Actos dos Apóstolos, pág. 316). Não é este o nosso problema? É essa a velha confiança-própria, é esse sentimento, de que posso-fazer-se-eu-quiser? E ficamos sempre a perder. Não foi o Mark Twain que disse que era fácil deixar de fumar; já tinha feito isso centenas de vezes? O mesmo que se passa com esses velhos hábitos e fraquezas; contigo e comigo.

«Sim, mas», alguém logo dirá, «Mark Twain não era um verdadeiro cristão. E eu? Eu sou um membro baptizado! Bem, aí há uma coisa. Tu pensas assim, porque és um membro baptizado ou estás na igreja há muitos anos, então é teu dever fazer com que as pessoas vejam que és um caso à parte, que és melhor do que os outros, certo? certo!

Lembras-te de Paulo? Mencionei-o há pouco, mas ainda há algo mais. Quando ele era um bom cristão, também tinha dificuldade. Lê (de preferência numa tradução moderna) Romanos 7:15-20. «Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço... Porque eu sei que em mim não habita bem algum e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem.» Parece-vos familiar? Já sabia que sim. E lembrai-vos de que Paulo, o Paulo santificado, não o Paulo que respirava ameaças e mortes, mas Paulo o apóstolo, o servo de Deus, durante todos estes anos, é quem está a falar. Ele tinha esse problema; assim porque te admiras de ti próprio?

O problema de Paulo é o mesmo que o meu e o teu; ele tinha duas naturezas lutando com ele. Nós também. Mas a maior parte do tempo pensamos que temos que nos emendar por nós mesmos e viver uma vida melhor dia a dia, e não ter mais nenhum mau pensamento. Esse é um quadro nobre, e desejo-vos felicidade, mas quero-vos dizer que tereis necessariamente de ficar desapontados e tereis fracassado se pensais que essa é a maneira de sair desse dilema em que vos encontras. Quero dizer-vos que alguém que pense que pode obter a santificação ao nível da vontade de Deus, pelos seus próprios esforços, fracassará inevitavelmente.

Sabeis que esta é a maneira de ser das pessoas — mas não dos cristãos. Pensamos que podemos fazer isso. Deixai-vos disso! Estais a exagerar as vossas próprias forças.

DOMINGO, 12 DE FEVEREIRO

O MEU PROBLEMA É QUE SOU UM FALA BARATO

Isto não é tudo. Nós exageramos no tempo que temos ao nosso dispor. A maioria de nós tem uma certa tendência para adiar tudo o que requer esforço e concentração. Nascemos procrastinadores, todos nós. «Amanhã é a nossa palavra de ordem, e não nos preocupamos muito acerca de hoje, porque somos jovens somente uma vez e não há necessidade de nos precipitarmos numa coisa destas; temos um milhão de manhãs para dar à nossa vida espiritual a atenção necessária.»

Tenho novas para vós. Não tendes nada assim como milhões de dias (então, Salomão só acabou de reinar em Jerusalém há uns milhões de dias atrás, por isso não brinqueis com os números dessa maneira). Bem, então talvez mil dias? Sempre são uns anos menos. Não conteis com isso também. Não, nem mesmo com cem. Lembrem-se do conselho de Salomão? «Não presumas do dia de amanhã, porque não sabes o que produzirá o dia.» (Prov. 27:1). Um belo conselho, esse. O pobre do Sam não o acatou. Sam? Quem é o Sam?

Sam cresceu num lar cristão. Ele pensava ser um cristão, mas não era nada melhor do que a maioria dos seus amigos—de ambos os sexos. Mas tinha a certeza, lá no fundo do coração, de que não era tão «cabeça no ar», assim como dizia. Lembrem-se, ele até fez uma data de classes baptismais e quase se decidiu em duas delas, mas não chegou a decidir-se. Dizia a si próprio que ainda tinha muito tempo. Não valia a pena tomar as coisas tão seriamente, agora que tudo estava a correr tão bem. Com dezoito anos e a trabalhar, bastante dinheiro, amigos, e um mundo ali fora pronto para ser gozado. Ele pouparia muito, iria viajar para conhecer o mundo, e então voltaria e punha em ordem a sua vida. E foi isso mesmo o que ele fez. Bem, pelo menos dois terços disso. Sabem, é que ele não voltou. Saiu de um passeio em Londres e um táxi apanhou-o. Bateu com a cabeça fortemente no pavimento. Sam tencionava voltar a fazer o que era certo. Ele tinha muito tempo ainda. Foi ali que ele exagerou.

E Júlia. Gostaria de não vos falar de Júlia. Ela ia à nossa igreja. Gostávamos dela, aquela alegre menina com sardas na cara. Simpática e boa amiga, não havia outra tão simpática como a Júlia. Mas o pastor quase que se deu a si próprio por ela. Ele tirava-a de uma alhada após outra; ela ficava muito agradecida. Mas quando ele dizia que chegara o tempo de ela examinar a sua vida e tomar uma decisão a favor de Cristo, ela deitava-lhe um balde de água fria em cima. «Oh, Pastor, talvez para o próximo ano. Sabe que só somos jovens uma vez, não é?» Júlia estava a exagerar no tempo que tinha à sua disposição. Foi uma pena. Uma noite foi detida. Acho que foi LSD—droga. Assim fez a sua última viagem. Para o cemitério.

A risonha e alegre menina que tinha à frente de si toda a vida, por algum motivo exagerou no resto de vida que

é raro uma pessoa admitir isso, não é? Mas uma confissão aberta faz bem à alma, dizem-me, e por vezes tenho que aceitar os factos. E acho que poderei identificar-vos com o meu problema, se vos disser o que é.

Sabem, muitas vezes falo a Deus acerca de mim mesmo. Estou ansioso por fazer a coisa certa, e nas minhas orações (de outras ocasiões vos falarei mais tarde) faço todas as espécies de promessas. Tudo começou na minha infância, salvo erro. Lembro-me bem de uma altura (bem, realmente mais do que uma) quando tinha um exame e não tinha lá muita certeza de passar. Assim, ajoelhei-me ao lado da minha cama e disse ao Senhor que, se passasse no exame, seria um bom menino para «sempre»! Imaginem só. Um rapazinho de onze anos negociando com o Todo-Poderoso! Terei que dizer, todavia, que foi uma grande coisa que

o nosso Deus fez ao ter tolerado isso, deixar-me viver para contar esta história. Bem, passei no exame, mas em breve me esqueci do meu pacto com Deus. Claro que com aquela idade a palavra «pacto» não era bem compreendida, mas era isso mesmo, apesar de tudo. Entretanto, se alguém me perguntasse, diria que passara no exame porque tinha merecido passar. E Deus? Onde entrava Ele? Nem sequer me passava pela ideia dar-Lhe algum crédito. Se bem me lembro, nem sequer Lhe agradeci por ter passado.

E tem sido assim sempre. De uma das vezes, como acima disse, foi quando estava vendendo livros como colportor estudante. O meu companheiro e eu não estávamos tendo muito sucesso. Por vezes o total de vendas era tão baixo que não chegava para manter duas formigas, percebem aonde quero chegar? Muitas vezes, ao fazer-

ainda tinha. E a areia esgotou-se na ampulheta enquanto ela estava distraída.

Também podeis exagerar na vossa conta de crédito para com Deus. Oh sim! Muito Cristão já cometeu esse erro. E isso é uma coisa muito perigosa de se fazer, embora aconteça com frequência. Vós e eu não somos «pecadores vulgares». Não quero que isso soe como snobismo; é um facto. Não contamos anedotas indecentes; não usamos linguagem que faria corar até um marinheiro; não nos embriagamos; nem mesmo fumamos... nós somos o que se chama «pessoas de vida limpa»... Não quebramos o sétimo mandamento (é aquele acerca do adultério, isto no caso de não saberem) e não nos servimos dos selos do escritório; nem mesmo ficaríamos com um grampo. Não enganamos ninguém — nós até dizemos ao ardina que se enganou no troco quando nos dá dinheiro a mais, sendo um tostão. Somos verdadeiramente umas boas pessoas. Não como os bêbados e os de pensamentos sujos, nem como os levianos em suas orgias. E Deus, se me perdoam dizer isto, deveria estar bastante contente conosco por causa de termos bons princípios e caracteres limpos.

Bem, Ele realmente prefere ter-vos assim do que em afundada luxúria e devassidão, mas mesmo assim isto não vos dará um passaporte para o

Céu. Se pensais que vos dará, estais a exagerar a vossa conta de crédito com Deus. Assim como aqueles mencionados em Mateus 7:22: «Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizámos nós em teu nome? e em teu nome não expulsámos demónios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas?» Eles estão verdadeiramente convencidos de que têm uma esplêndida conta de crédito com Deus. Mas sabeis o que Deus lhes dirá, não sabeis? «Nunca vos conheci». Que finalidade arrepiante há nessas palavras!

As melhores palavras de ajuda que vos posso dar neste caso são aquelas palavras encontradas em **Aos Pés de Cristo** (pág. 28): «É possível que nos tenhamos embalado... com a ideia de que a nossa vida tem sido justa, o nosso carácter moral recto, julgando não necessitarmos de humilhar perante Deus o coração, como um pecador vulgar. Mas quando a luz de Cristo nos iluminar a alma, veremos quão impuros somos, discerniremos o egoísmo dos nossos motivos e a inimizade contra Deus que tem maculado todos os actos da nossa vida. Reconhecemos então que a nossa própria justiça é na verdade como trapos imundos, e que unicamente o sangue de Jesus Cristo nos pode lavar da mancha do pecado e transformar-nos o coração à Sua semelhança.» (Somos nós que sublinhamos). ●

mos o nosso relatório de vendas, o total era o grande e gordo zero. Lembro-me de dizer ao Senhor, numa noite estrelada, ali mesmo no local do nosso trabalho, que, se Ele nos desse o suficiente para a nossa escolaragem, para que pudéssemos voltar para o Colégio, eu O serviria durante o resto da minha vida, e **nunca mais O desapontaria**. (Digo-vos que quando se vai para a cama com fome, fazem-se declarações bastante generosas sem pensar nas consequências).

Modéstia (ou vergonha, melhor dizendo) impede-me de vos dizer mais detalhadamente alguns dos negócios vazios que fiz com Deus. De qualquer forma, o teor era assim: «Senhor, se me tirares desta embrulhada outra vez, serei Teu durante toda a minha vida; nunca mais terei nada a ver com o diabo». Como Deus é paciente para conosco! Ele não nos rejeita da primeira vez (ou mesmo da centésima) que falhamos em cumprir as nossas promessas. Felizmente Deus é mais certo que nós em cumprir as Suas.

Sabem, finalmente compreendi que me apressava demais a fazer promessas a Deus — promessas que, se tão somente pensasse um pouco no que implicavam, não teria sido tão volúvel em as fazer. Levou-me alguns anos a acordar, a reconhecer que Deus podia viver muito bem sem a minha ajuda, apesar de, pela minha parte, eu nem poder começar a viver sem Ele. Compreendi que falava demasiado quando me encontrava em problemas e que escutava de menos. E, como penso que sou bastante parecido com os outros, digo-vos agora estas coisas.

Muitos de nós perdemos mais tempo a falar com Deus do que a escutar o que Ele tem para nos dizer. Vamos tomar, por exemplo, a simples maneira da comunicação com Ele. Chamamos-lhe oração. Ajoelhamo-nos ao lado da nossa cama, dizemos-Lhe alguns dos erros sem importância que praticamos, pedimos-Lhe que abençoe alguns dos nossos queridos, talvez mencionemos especialmente algum a quem a tragédia bateu à porta (se os conhecemos e estão em estado de choque pela perda repentina de um amigo, ou se a nossa tia escreveu dizendo que o médico lhe disse que ela teria apenas três meses de vida). Depois, pedimos-Lhe que nos proteja durante a noite, e metemo-nos na cama, aconchegamos os cobertores e adormecemos.

Uma vez mais perdemo-nos em palavras. Quantas vezes parais em meio à vossa oração para **ouvir Deus falar convosco**? A oração devia ser um diálogo, sabem, não um monólogo. Mas é o que a maioria de nós faz. **Nós** é que falamos e **Deus** é que ouve. Deixem-me instar convosco para que fiquéis em silêncio e escuteis enquanto orais. Deus vos falará se O deixardes falar. Creiam-me, que Deus não quer todas essas promessas generosas, que vós e Ele bem sabeis, que não as podeis cumprir. Mas ele quer uma boa e sã camaradagem convosco. Acaso gosta-

riéis de ter um amigo que falasse tanto que nem vos desse oportunidade de falar também? Deduzo que muito brevemente pensariéis numa maneira de deixar essa amizade. Apesar disso, contamos que Deus nos ouça dia após dia (nalguns dias, três ou quatro vezes) e até quase sempre a mesma coisa, e **nunca** sugerindo-Lhe por palavra ou por acção que teríeis muito prazer em que Ele falasse também.

Agora, já há muito tempo, muitos anos mesmo, que a minha vida de oração tem sido dividida em períodos em que falo com Deus e períodos de silêncio, em que peço que Deus fale comigo. Posso garantir-vos que **isto dá resultado!** Por vezes um texto vem subitamente à minha mente, um daqueles de que me não lembrava há tempos. Lembro-me que uma vez tinha de falar a um grupo de jovens numa reunião campal, mas não me chegara nenhuma inspiração para o culto de Sábado, apesar de saber que teria um grande auditério, esperando algo de bom. Apelei sinceramente para Deus, pedindo-Lhe uma base para a minha mensagem — um texto, um tópico, qualquer coisa. Então, no silêncio, veio a mim não um texto, mas uma referência da Escritura. Procurei-a na Bíblia. E, se bem me recordo, nunca tinha reparado bem nesse texto. Imediatamente vi a mensagem e poder que dali poderia obter. Foi esse o texto para esse dia! Deus abençoou-me abundantemente no encontro com a juventude nessa reunião. A irmã White diz: «Precisamos ouvi-l'O individualmente falar-nos ao coração. Quando todas as outras vozes silenciam, e, em sossego esperamos perante Ele, o silêncio da alma torna mais distinta a voz de Deus. Ele nos manda: Aquietai-vos e sabeí que Eu sou Deus.» **O De-sejado T. N.**, pág. 363.

Dito isto, recomendo-vos vivamente que não caiais no outro extremo. Podeis falar a Deus de menos — assim como o irreligioso marinheiro, cuja história me foi contada hoje mesmo. Certo dia, estava ele num pequeno barco pesqueiro com os seus amigos, quando sobreveio uma grande tempestade. As ondas eram altas, parecia submergir aquele barquinho. Os seus companheiros, ainda mais irreligiosos que ele, pediram-lhe que orasse. Ele hesitava. Disse que já havia muitos anos que não orava e até nunca tinha entrado numa igreja, e já lá iam quase vinte anos. Mesmo assim, insistiram com ele para que orasse. Então ele fez esta oração: «Ó Deus, nunca Te pedi nada nestes quinze anos; se Tu nos livrares desta tempestade, prometo não Te maçar por mais outros quinze anos.»

Claro, podeis falar demasiado; mas também podeis cair no outro extremo. A maneira sensata está no meio termo. Podereis dizer sem receio que a maioria dos cristãos erra por falar demasiado, em lugar de escutar o que Deus tem para dizer. Vale a pena pensar bem sobre isto.

Há ainda outra ocasião na qual temos tendências para falarmos demais

e caímos no problema do «fala barato». Podeis chamar-lhe «síndrome de Pedro», se o quiserdes. A Bíblia diz em Prov. 10:19: «Na multidão de palavras não falta transgressão, mas o que modera os seus lábios é prudente.»

Pedro está no Monte da Transfiguração com os seus colegas apóstolos e Jesus. Subitamente, Jesus resplandece com uma glória brilhantíssima. Com grande admiração e surpresa, estavam ali Moisés e Elias falando com Jesus. Repentinamente, Pedro exclamou: «Mestre, bom é que nós estejamos aqui, e façamos três cabanas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias. Pois não sabia o que dizia...» Marcos 9:5,6. Ah! Este Pedro! Tragicamente é o mesmo que se passa conosco — nós que vivemos séculos mais tarde e centenas de quilómetros afastados da habitação de Pedro. Como ele, falamos sem reflectir com palavras vazias de sentido. Falamos por falar, mesmo não sabendo o que dizer.

Mesmo antes disso, Jesus tinha revelado aos seus seguidores que Ele iria ser crucificado em Jerusalém e que ressurgiria ao terceiro dia. «E Pedro tomando-O de parte, começou a repreendê-l'O dizendo: Senhor, tem compaixão de Ti; de modo nenhum Te acontecerá isso» Mat. 16:22. Então Jesus disse a Pedro com autoridade: «Para trás de mim Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são de homens.» Verso 23.

Palavras pungentes, mas bem merecidas. Pedro estava a falar demais novamente. Estava falando outra vez, sem saber o que dizia. No seu amor cego, Pedro estava sendo o porta voz da tentação de Satanás. Poderíamos multiplicar os exemplos. A ocasião em que a criada o acusou de ser discípulo de Jesus e quando ele negou o seu Senhor. Novamente falou demais. O problema é que ele não sabia quando e onde devia estar calado.

Tinha sido o mesmo Pedro que declarara a Jesus que iria até à prisão e morte por seu Mestre. Outra vez não pensara no que dissera. Foi assim sempre, impetuoso, com a palavra à ponta da língua, falando antes de pensar no que dizia.

Entretanto, antes de condenar Pedro, vamos examinar-nos a nós mesmos. O que é que nos leva a infamar e condenar o próprio Senhor e a nós mesmos? É o facto de sermos afectados com a doença, a que chamei «o síndrome de Pedro». Muitas vezes somos «fala barato», que consiste em falar sem reflectir. Somos «fala barato», falando sem nada dizer. Somos «fala barato» não sabendo de que falar.

Gostaria de vos sugerir uma oração. É esta: «Querido Senhor, ajuda-me a ouvir-Te em vez de me precipitar a falar quando devia estar calado; ajuda-me a pôr uma guarda à minha língua, para que ela não traga vergonha ao nome de Jesus.» ●

O MEU PROBLEMA É QUE TENHO UMA VISÃO TÃO DEFORMADA

Sim, esse é um dos meus grandes problemas. E sabem, por vezes não consigo ver o que é de suprema importância, porque algo menos importante se intromete; não posso ver o excelente, porque o bom obscurece a visão.

Houve uma altura, por exemplo, em que eu não podia ver Cristo porque a Igreja se metia à frente. Ousando dizer isto, não pude deixar de passar por alguns apuros.

Esta declaração é o suficiente para me demitir do trabalho que tenho e tentar ir ganhar a vida para o Deserto do Sara. É um traço de deslealdade para com a minha Igreja, um índice de pouca apreciação pela posição que ocupa a Igreja e sugere uma pobre visão da parte que a Igreja desempenha no movimento final da história. Então, não é a Igreja descrita por Paulo e João como sendo a Esposa de Cristo? Como posso eu fazer uma observação tão absurda e ridícula como esta, e ter esperanças de evitar a censura eclesiástica?

Bem, direi que espero não magoar ninguém com esta declaração, particularmente, por esta situação se encontrar no passado. Hoje vejo mais claramente. Porque penso que sois bastante parecidos comigo, escolhi falar-vos deste assunto, pois este problema está largamente difundido.

Primeiramente quero assegurar-vos uma coisa: é que a minha Igreja é de suprema importância para mim. Amo-a profundamente com um amor sincero. Posso admitir nela uns pequenos erros (não falou dela a Irmã White, como «fraca e enferma?»), mas isso não diminui em nada o meu entusiástico apoio à Igreja. Amo-a, e penso que poderia dar a minha vida por ela (embora devesse ser cuidadoso em não ser demasiado apressado a falar; sou alérgico à roda, ao garrote e a outros meios de tortura que conduzem à morte). Mas tal como me sinto agora, creio que estaria pronto a passar tais provas. Mais ainda, amo trabalhar para a Igreja; nada mais do que já fiz (e já trabalhei fora da Organização) me deu satisfação comparada à que esta me dá.

Permiti que o afirmo com convicção e certeza. Considero-me 100% leal. Aliás, certo ou errado, sempre me considerei. Mas houve um tempo em que acreditava nas coisas porque a Igreja as ensinava. Fazia coisas (ou não as fazia) porque a Igreja dizia que eu devia (ou não devia) fazer essas

coisas. Submetia-me tanto à Igreja, que aceitava como normal, na qualidade de membro, toda a linha de pensamento e fazia exactamente o que ela dizia. Ainda creio do mesmo modo, mas espero que tenha agora um motivo diferente para crer. Vejam, é desta maneira: Antes, eu fazia as coisas porque a Igreja as ensinava; a minha visão de Cristo era, por assim dizer, um pouco ofuscada. Confesso que não O podia ver em todas as doutrinas, em todas as grandes verdades que a Igreja ensinava. Claro, sabia que a Igreja ensinava a doutrina do sono dos que morrem, por exemplo, porque a Bíblia assim o dizia. Eu podia dar um estudo bíblico sobre o estado dos mortos a qualquer pessoa. **Mas não via Cristo nessa doutrina** como O devia ver. É isto a que me refiro naquela declaração um pouco esquisita de que em tempos passados não podia ver Cristo porque a Igreja não o permitia.

Mais ainda, houve um tempo, especialmente quando era jovem, em que pensava que ser um «bom adventista» era tudo o que de mim se requeria. Isso era errado, como posso agora ver. Ser um «bom adventista» é secundário, como compreendi ao tornar-me mais maduro. Espero tornar este ponto bem claro para vós. Vejam, não é suficiente devolver o dízimo, só porque a Igreja o ensina, a Bíblia o diz, ou porque quero ser um adventista digno desse nome. Isso não é suficiente. As doutrinas têm que ser cridas, devemos fazer ou não fazer as coisas porque amamos o Senhor Jesus Cristo, e não simplesmente porque a Igreja o ensina. Ser um «bom adventista» (um bom baptista, um bom metodista, ou um bom católico) pode levar-nos para um mar de legalismo, onde podereis perder-vos, não conseguindo voltar para a margem. Deixai-me ilustrar o que estou tentando dizer.

Ouvi esta história com os meus próprios ouvidos dos lábios do padre católico aqui mencionado, podendo assim garantir-vos a sua autenticidade. Aqui está como ele a contou: Era véspera de Natal. (Nestas terras do Sul, não temos Natal de neve; não, em lugar disso, vamos à praia, ou à piscina e lá ficamos deitados debaixo de um toldo de praia, cheios de calor, ou bebemos um refresco enquanto estamos sentados em frente da ventoinha, ou até ligamos o ar condicionado. Mas há excepções. Na cidade que fica perto de onde moro, o clima quase nunca está

de acordo com o Boletim Meteorológico. E esta era uma véspera de Natal muito fora de estação). Estava chovendo e fazia muito frio. Era já tarde.

O padre acabara a Missa de Natal à meia-noite e guiava o seu carro para casa através dessa noite gélida e tempestuosa, quando repentinamente o carro parou. Compreendeu o padre que se esquecera de encher o tanque nessa tarde e que agora o depósito estava vazio.

Muito aborrecido, disse às freiras que transportava consigo, que voltaria a pé até à bomba de gasolina que ficava a pouca distância dali. Então tirou da bagageira uma lata de 5 litros e voltou à bomba de gasolina onde tinha visto luz. Ao chegar lá, porém, já estava fechada, mas vendo melhor notou que um homem estava a trabalhar sentado à secretária. Bateu à porta. O homem lá sentado não prestou nenhuma atenção. O padre bateu novamente. Desta vez teve resposta; foi a seguinte: «Vá-se embora! Não vê que estamos fechados?» Mas o padre era um homem de determinação e não se intimidou facilmente e por isso bateu de novo. Desta vez a resposta foi mais violenta e não vos posso dizer as palavras que o homem empregou.

Mas o padre não era somente um homem de determinação; era também um homem alto que tinha sido no passado um bom futebolista. Como era bem constituído, sentiu-se encorajado a bater novamente. Desta vez a sua insistência ocasionou uma resposta drástica. O homem à secretária arrastou a cadeira para trás, deu um salto e correu até à porta (tudo isto visível ao padre através da parede de vidro). Abriu-a de rompante e gritou: «Vai para...», mas ao ver o hábito de padre do seu visitante indesejado, a sua atitude mudou completamente como por magia. «Boa noite, Padre», falou na voz mais doce. «Como lhe posso ser útil?»

O padre explicou que tinha falta de gasolina. Poderia, ao menos, vender-lhe 5 litros de gasolina, para chegar ao seu destino, uma vez que já era tarde para encher o depósito?

«Certamente, Sr. Padre», cada palavra saía bem engraxada. «Sente-se ali no meu carro, enquanto eu trato disto rapidamente», disse, ao receber a lata da mão do padre. Este disse que não valia a pena, mas o outro insistiu para que fosse para o carro, enquanto enchia a lata. Em breve trouxe a lata cheia e pondo-a na bagageira, sentou-se o lado do padre e disse: «mostre-me o caminho para o seu carro e tratarei do assunto num abrir e fechar de olhos», enquanto tagarelava amigavelmente com o padre durante o percurso.

Chegando ao lugar, insistiu com o padre para ficar no seu carro enquanto ele tratava do assunto, dizendo: «Não vale a pena ficarmos os dois molhados», e gentilmente ajudou o padre a sentar-se ao volante do seu carro. Mais tarde o padre viu que ele tinha trazido

O MEU PROBLEMA É QUE SOU UM CHARLIE BROWN

uma lata de 20 litros cheia, ao mesmo tempo que colocava a de 5 litros cheia de gasolina na bagageira. Finalmente estava tudo pronto, e o homem veio à janela do condutor. «Tudo pronto», disse afavelmente, enquanto a chuva lhe caía em cima e escorria pelo nariz. «Pode prosseguir». «Quanto lhe devo?», perguntou o padre. «Nada, Sr. padre», respondeu o hesitante «Bom Samaritano». «É Natal e temos que fazer o bem. Tive muito prazer em ajudar um homem da Igreja. Aceite isto como um pequeno presente. Boa noite.» E foi-se.

Ao continuar a viagem, uma jovem freira, no banco de trás, deu a sua opinião. «Ele era um bom católico, não era, Padre?»

«Sim, respondeu o padre, muito bom católico, mas muito mau cristão.»

Aquele chefe de igreja é um caso clássico do homem que não podia ver Cristo por causa da Igreja — sua Igreja! Ser um bom católico não é necessariamente ser um bom cristão. Nem tão-pouco ser um «bom adventista» é ser um bom cristão. O que quero dizer é isto: é possível vós e eu observarmos todas as coisas exteriores, e seguir rigorosamente todas as doutrinas da Igreja e parecer ter tomado uma firme resolução de fazer tudo de acordo com os nobres padrões da Igreja e mesmo assim não ser um bom cristão. É de lastimar, mas é verdade. E é contra isto que vos tento avisar, aqui e agora.

«Demas me desamparou», dizia tristemente Paulo, «tendo amado o presente século.» Era bom homem este Demas, aparentemente sincero, mas não tinha visto a Cristo. Ananias e sua esposa Safira eram bons membros da Igreja, eles até venderam as suas terras e deram a maior parte para a Igreja, mas não eram verdadeiros cristãos; tinham visto a doutrina, mas não a Cristo. Os Coríntios eram bons membros da Igreja, mas estavam fazendo toda a espécie de coisas más — coisas que os cristãos só de nome, hoje, teriam aversão; como fazer da mesa do Senhor um lugar de corrupção. Eles tinham visto as doutrinas e o valor da Igreja, mas não tinham tido ainda uma visão de Cristo.

Há pessoas hoje no mesmo erro; elas amam a Igreja, as doutrinas, os seus padrões e princípios, os quais são sinónimos, e muitas delas, é triste dizê-lo, são jovens. Talvez fosse por isso que a Irmã White foi levada a dizer que nem sequer um jovem de entre cem estava verdadeiramente convertido. Estava ela dizendo que eles tinham o conhecimento na cabeça e não no coração e que as grandes verdades do Evangelho — Jesus Cristo — o centro e coração da Igreja e de todas as suas doutrinas — lhes escapam, porque não as têm escondidas no fundo da sua alma.

Recentemente li estas palavras do livro Actos dos Apóstolos: «Os Gálatas eram dados à adoração de ídolos, mas como os apóstolos lhes pregassem, reubiliaram-se na mensagem que prometia libertação do cativo do

Conheceis o Charlie Brown, não conheceis? É aquele garoto de cabeça redonda que fica sempre a perder naquelas historietas dos «Peanuts». (Está bem, não costumais ler isso; mas talvez percais assim um curso de sociologia, psicologia da criança e do adulto, assuntos correntes de teologia). Bem, a questão principal com o Charlie Brown é que ele é gelatinoso. Sem coluna. Uma cana quebrada ao vento.

E sabeis uma coisa? Posso identificar-me com o Charlie Brown. Oh, se posso identificar-me com aquele miúdo de cabeça redonda! Se todas as boas intenções que já tive fossem colocadas em fila dariam a volta ao mundo.

Notai, muitas vezes sentei-me durante uma reunião e ouvi o pregador dizer-me que deveria ser um melhor cristão do que tenho sido. E o meu coração responde. Sou entusiasta. Digo lá no fundo do meu ser: «Sim, Senhor! É isso mesmo que farei! Deitarei fora esses maus hábitos e serei mais forte. Mesmo nas coisas do dia a dia, irei realizar o que ainda não pude fazer. Irei mais cedo para a cama; vou fazer mais exercício; direi não àqueles que me pedem para fazer algo quando realmente não tenho tempo para o fazer; vou levantar-me mais cedo; andarei de bicicleta os quilómetros necessários para meu exercício; beberei mais água;

trabalharei mais na horta (porque não há direito que a minha mulher faça tanto enquanto eu faço tão-pouco); e irei mesmo pintar a casa aos domingos.»

Sabeis uma coisa? Deixo um trilho de boas intenções atrás de mim e olho para trás e vejo-as, no meu trilho, como ovos partidos. Não vou para a cama cedo, assim não me levanto cedo. Não digo não àqueles que me pedem para fazer algo porque sei quão difícil é encontrar alguém que faça alguma coisa pelos outros. Não pinto a casa ou trato da horta porque há sempre algo que aparece e tenho que ir a uma reunião de comité ou tratar de algum problema que surge, ou estou ajudando alguns rapazes que se desviaram da lei (eu sou oficial vigilante nos meus tempos livres — um posto honorário, devo dizer) ou estou preparando esta série na minha velha e fiel máquina de escrever, esperando mesmo assim que consiga estar dentro do prazo que tão implacavelmente corre ao meu encontro.

Boas intenções! Elas são o veneno da minha existência! E vem aí o Ano Novo, e deviam ouvir-me desbobinar a minha lista de resoluções para este Ano Novo! Mas em breve me esqueço. Quando um pouco de coragem é precisa, aí o vosso humilde servo está mis-

pecado. Paulo e seus cooperadores proclamaram a doutrina da justificação pela fé no sacrifício expiatório de Cristo como sendo aquele que, vendo o estado desesperado da raça caída, veio para redimir a homens e mulheres mediante uma vida de obediência à lei de Deus e o pagamento da penalidade da desobediência. É à luz da cruz que, muitos que nunca dantes haviam conhecido o verdadeiro Deus, começaram a compreender a magnitude do amor do Pai.

«Assim foram os Gálatas ensinados no que respeita às verdades fundamentais concernentes a Deus Pai e a Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual Se deu a Si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus nosso Pai.» Pág. 208.

«Se os que hoje estão ensinando a palavra de Deus, exaltassem a cruz de Cristo mais e mais, haveria muito

maior sucesso em seu ministério. Se os pecadores forem levados a contemplar com fervor a cruz, se alcançarem visão ampla do Salvador crucificado, reconhecerão a profundidade da compaixão de Deus e a malignidade do pecado. Daí (da cruz) brilha a luz do amor do Salvador; e quando ao pé da cruz o pecador contempla Aquele que morreu para salvá-lo, pode rejubilar-se com grande alegria, pois seus pecados estão perdoados. Ao ajoelhar-se em fé junto à cruz alcançou ele o mais alto lugar que o homem pode atingir.» Págs. 209-210.

E quando contemplamos a Jesus, então a Igreja e todas as suas doutrinas, a sua liturgia, as suas instituições, os seus planos, os seus regulamentos e os seus ensinamentos se enquadram perfeitamente. Vemos «a iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo.» II Cor. 4:6. ●

teriosamente ausente. É a velha história de Charlie Brown outra vez. Fraco. Gelatinoso. Enfiado. Sou eu.

Bem devia estar envergonhado por dizer tudo isto, e estou. De facto, nunca vos diria tudo isto se não fosse por Paulo. Sempre tenho tido uma fascinação por Paulo, pois acho que ele tinha um dos caracteres mais fortes do mundo. Posso imaginar que ele tinha uma forte espinha dorsal; e penso que avançava decididamente com as suas resoluções. Mas então compreendi que Paulo e eu somos realmente irmãos, e muito parecidos. Aqui está a sua confissão:

«Não me compreendo a mim próprio (diz a versão Living Bible). Porque o que eu faço não aprovo; pois o que eu quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço. E, se faço o que não quero consinto com a lei, que é boa. De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim.

«Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum: e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero isso faço... Acho então esta lei em mim; que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?» Rom. 7:15-24.

Estudantes das Escrituras têm argumentado por muito tempo qual é o Paulo que fala aqui. Alguns dizem que é o velho Paulo antes da conversão. Outros dizem: Não, é o Paulo depois da conversão. Ainda outros têm dito que é Paulo quando sentia o Espírito de Deus chamando-o, mas antes da sua conversão. Bem, veremos o que a Escritura diz. No verso 18 dessa passagem ele descreve-se a si próprio como «podre por dentro e por fora (Living Bible), não habitando bem algum, na sua carne». No verso 22 diz «Porque segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus.» Assim se vê que ele está falando de duas naturezas lutando dentro dele. E têm que ser depois da sua conversão porque não temos essa nova natureza senão depois da conversão.

Notai que Paulo está reconhecendo uma verdade básica que é esta: somos pecadores por natureza; quando tomamos Cristo em nosso coração — isto é, quando somos convertidos — Ele dá-nos uma nova natureza. As coisas de que antes gostámos, odiámo-las agora, as coisas de que antes odiávamos é das que agora gostamos. Mas infelizmente, como Paulo reconheceu, aquela velha natureza (ou natureza carnal, se assim o preferirmos) ainda aí está. Está lutando por supremacia. Está-se esforçando por nos dominar.

Há ainda algo que deveis saber. Não confundais **pecado** com **pecados**; não confundais em vossos pensamentos pecado e pecar. A diferença é esta: o pecado é algo que herdamos em nós mesmos. Nascemos em pecado, e não há nada que possamos fazer contra isso. As tendências para o pecado estarão connosco até que Cristo venha e transforme estes «corpos corruptíveis» em corpos gloriosos e imortais. Por outro lado, pecados são os que cometemos como resultado das tentações. Indo a uma mercearia e pondo um reбуado no bolso ou na carteira é ter quebrado o mandamento que diz: «Não furtarás». Cometeram um pecado. Isso é pecar. Mas vós tendes uma natureza pecadora mesmo estando fazendo algo de bem. Deixai-me ilustrar...

Vedes uma senhora idosa atravessando a rua. O tráfego é muito e não há sinais luminosos, e mesmo que houvesse, ela é por demais vagarosa para poder atravessar antes de mudar o sinal. Então chegais ao pé dela e dizeis: «Posso ajudá-la a atravessar a rua, minha senhora? Ela fica grata e toma o vosso braço. A meio da travessia ela diz: «É muito amável». Imediatamente algo lá no fundo do vosso ser diz-vos: «Sim, sou uma pessoa muito amável. Deus tomará nota deste acto de bondade. Realmente sou bastante bondoso.» E sente-se bastante virtuoso acerca disso tudo. O diabo está tentando fazê-lo pensar que este acto de bondade fá-lo virtuoso ou justificado para com Deus. Essa é a velha natureza carnal defendendo-se a si própria e dizendo-vos quão amáveis vós realmente sois; e fazendo-vos imaginar que, de alguma maneira, há algo no Céu que regista todas as coisas e terá registado esta também e que até vos terá colocado um pouco mais perto do Céu. Assim aceitais um pouco de orgulho nas vossas virtudes. Mas esse é o caminho errado. A vossa rectidão, a minha rectidão, a rectidão do vosso pastor (e ele é um homem bondoso sem dúvida) não somam muito no que respeita à nossa salvação. «Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justificações como trapo de imundícia; e todos nós caímos como a folha, e as nossas culpas como o vento nos arrebata.» Isaias 64:6.

A Irmã White diz: «Podemo-nos lisonjear... que o «nosso carácter moral tem sido corrigido e que não precisamos de nos humilhar diante de Deus como o pecador vulgar. Mas teremos que nos contentar com o entrar na vida da mesma maneira que o maior dos pecadores. Temos que renunciar à nossa própria justiça e implorar pela justiça de Cristo para que nos seja imputada. Temos que depender inteiramente de Cristo. O eu terá que morrer. Temos que reconhecer que tudo o que temos vem das excessivas riquezas da graça divina.» 5 T 219.

E da mesma maneira... «quando a luz de Cristo nos iluminar a alma, veremos quão impuros somos; discerni-

remos o egoísmo dos nossos motivos; e a inimizade contra Deus que tem maculado todos os actos da nossa vida

«Um raio da glória de Deus, um vislumbre da pureza de Cristo penetrando em nossa alma, tornará dolorosamente visível toda a mancha do pecado.» **Aos Pés de Cristo**, pág. 26 e 27.

Por outras palavras, enquanto não virmos que somos um carácter gelatinoso sem algo que nos recomende (sim, mesmo que já me tenha convertido) e imploramos ao Deus do Céu que não olhe para as nossas pobres e patéticas tentativas de justiça própria, mas sim para a justiça de Cristo, posso então, finalmente, esperar ser salvo.

Paulo sabia que estava numa grande embrolhada. Ele tinha estas duas naturezas lutando constantemente dentro dele. Não é de admirar que ele tenha gritado: «Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?» Então ele profere esse grande suspiro de alívio:

«**Dou graças a Deus por Jesus Cristo Nosso Senhor**. Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo a lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado. Porque a lei do espírito da vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.» Rom. 7:25 — 8:2.

Por isto já vedes: Duas naturezas lutando dentro de nós pela supremacia — a natureza pecaminosa e a nova natureza. Cristo pode dar-nos a Sua justiça para cobrir a nossa e a vitória para nos habilitar a vencer em Seu nome!

Estarei eu a dizer que, tendo sido libertado «do círculo vicioso do pecado e da morte», nunca mais falharei, nunca mais serei gelatinoso, inconsistente — Charlie Brown? Não, aquela velha natureza ainda ali está dentro de mim, lutando pela supremacia.

Ouvi o que a Irmã White diz e tomai nova coragem:

«Há pessoas que experimentaram o amor e o perdão de Jesus Cristo e que sinceramente desejam ser filhos de Deus e, todavia, reconhecem as imperfeições do seu carácter e as faltas da sua vida, e chegam ao ponto de duvidar da realidade da sua regeneração pelo Espírito Santo. A esses desejaria dizer: Não vos deixeis abater. Muitas vezes teremos de nos prostrar aos pés de Jesus e aí chorar as nossas faltas e erros; mas não devemos desanimar. **Mesmo quando somos vencidos pelo inimigo, não somos repelidos, abandonados nem rejeitados por Deus...** E não vos esqueçais das palavras de Cristo: O mesmo Pai vos ama João, 16:27.

Ele deseja levar-vos de novo a Si, e ver reproduzidas em vós a Sua pureza e santidade. E se tão somente vos entregardes em Suas mãos, Aquele que em vós começou a boa obra há-de aperfeiçoá-la até ao dia de Jesus Cristo.» **Aos Pés de Cristo**, págs. 61 e 62.

E se isto não é uma promessa de que Ele nos habilitará a vencer o domínio desta velha e pecaminosa natureza, não sei o que será! ●

O MEU PROBLEMA É QUE TENHO ESTA PEQUENA FRAQUEZA

«O Senhor sabe, é que eu tenho esta pequena fraqueza...» Parece que ainda o estou a ouvir. Foi ele que me inspiro o título de hoje, como podem verificar. Ele estava embriagado, apesar de o negar veementemente.

Dei-lhe um encontrão na rua, ou, para ser mais correcto, ele é que me deu um encontrão. «Desculpe-me Senhor», disse, numa voz de garrafão, «parece-me que perdi o equilíbrio e fui de encontro a si».

Parecia um homem bastante distinto. A sua maneira de falar mostrava uma boa formação e talvez até uma carreira universitária no passado. O seu vestir mostrava que ele estava de boas relações com a alta costura, mas o mesmo não se passava com a limpeza. O odor que o envolvia não era de um bom «after shave», não; era de um inconfundível cheiro a álcool, misturado, se me permitem dizê-lo, com cheiro de suor. Não devia haver cheiro mais repugnante que aquele.

Mas as suas maneiras eram impecáveis; o seu falar cheio de dignidade; o seu porte um tanto bamboleante, apesar da bengala que usava. Ele olhou-me especulativamente depois de se ter chocado comigo. Senti que ele me estava a fazer um exame rápido, procurando avaliar se iria tornar digno este momento, para me fazer uma proposta, um tanto ultrapassada. Tinha razão. Era exactamente po rrisso que ele me olhava de cima a baixo. A sua frase seguinte não deixou dúvidas a esse respeito.

«Perdoe-me a minha deselegância», enquanto olhava a sua roupa que uma vez fora elegante. «Parece que agora sou um homem sem sorte nenhuma, acho que me compreenderá». Disse-lhe que o compreendia. «Veio-me à ideia», disse ele com fervor, «que talvez o Senhor esteja numa posição em que me possa ajudar — temporariamente, claro». «Claro», concordei.

«Devido a circunstâncias desfavoráveis para além do meu controle», disse ele, dando voltas à sua ridícula bengala, «encontre-me numa cidade que não é a minha e sem recursos. Depreendi pelo seu aspecto, caro senhor, que o senhor é um cavalheiro de posição e de posses; de contrário não lhe teria sugerido este assunto.

Eu quebrei ali o fio da conversa tão bem ensaiada para lhe dizer que eu era um cidadão de nenhum valor especial, mas ele ignorou os simples factos que lhe expunha. Ignorou? Bem,

não é esse o termo. Afastou-os com um gesto ativo da sua mão bem tratada.

«Assim, como um cavalheiro a outro cavalheiro», continuou ele, «peço o favor da sua ajuda temporária.»

Desejaria tanto poder sair dali, mas ele estava numa posição em que eu teria de o afastar do meu caminho, antes de me poder escapar. Estava assim como que numa armadilha, e ambos sabíamos bem disso. Ao falar-me da ajuda temporária, pensei que se tratasse, a princípio, de me pedir alojamento e alimento para essa noite, mas ao notar o gesto dos dedos da sua mão direita, percebi que se tratava de dinheiro. Decidi ser esse o momento para uma conversa franca e séria, pelo que me lancei ao ataque.

«Meu amigo», disse eu, «não tenho dinheiro para lhe dar. Obviamente o senhor teve dinheiro esta noite, visto estar afectado pelo álcool. Se lhe desse dinheiro, certamente que iria comprar alguma bebida alcoólica.»

Estas palavras foram como que uma facada para o pobre homem e lamentei ter sido tão brusco. Ele endireitou-se — era um homem de pequena estatura — e disse: «Meu caro senhor, fez-me uma grande ofensa, insultou-me, feriu-me terrivelmente.»

«Oh!» disse eu. «O senhor está a dizer-me que não está intoxicado?»

«Meu caro senhor», pronunciou ele indistintamente, «eu fujo dos bêbados e detesto um homem que se apresente em público afectado pelo álcool.»

Levantei o sobrolho. Tão alto foi que devia unir-se com o princípio do meu cabelo, só que esse estava quase ao fundo da cabeça. Pensei que chegara o momento de me ir embora, pois esta situação era, como Shakespeare diria: «aborrecida, tola, safada e inútil.»

«Olhe bem para mim», disse eu. «Não me diga que não está embriagado. A sua conversa é indistinta e cambaleia de vez em quando. Não lhe darei dinheiro. Por favor deixe-me passar.»

«Fere-me profundamente mais uma vez», disse ele, considerando-me um bêbado comum. Não sou um alcoólico.»

Houve uma pausa pungente. Depois conseguiu dizer: «Mas o Senhor sabe, tenho esta pequena fraqueza...» E tendo feito esta confissão, afastou-se para eu passar, fazendo uma exagerada vénea. Agradei o melhor que pude e afastei-me, mostrando a maior indiferença possível.

Pensei muito acerca desse pobre homem por muito tempo ainda. Foi como uma confissão que ele fizera, vindo do fundo da sua alma. Não foi tanto uma confissão, como um triste reconhecimento do facto, um facto universal, um que é comum ao homem; um facto do qual ele não poderia ser totalmente culpado; um problema congénito, o qual por vezes abominava, que devia ser mais de lamentar do que de culpar. Mas então reconheci (para mim mesmo) que ele poderia ter falado nestes termos. E nesse caso, eu ter-lhe-ia respondido que eu também tinha «esta pequena fraqueza», e vós podeis igualmente dizer o mesmo. E podiam, da mesma forma, dizê-lo todos os homens. Porque todos nós nascemos com fraquezas, com as quais havemos de morrer.

Aqueles que são honestos e astuciosamente introspectivos farão uma lista das suas faltas. Podereis juntar mais coisas a essa lista sem muita dificuldade, pois ninguém está apto a reconhecer, sem ajuda, todos os seus pecadinhos e fraquezas, para não dizer hábitos irritantes e pecados declarados. Todos nós somos cegos às nossas próprios fraquezas — e talvez isso seja bom; pois podiamo-nos desencorajar bastante.

Uma vista de olhos por este estado de coisas — as nossas faltas e as nossas inconstâncias — é o suficiente para nos desencorajar. E isto é especialmente verdade quando escutamos o que alguns pregadores dizem e vemos o que alguns escritores escreveram, os quais nos exortam à perfeição. Aqui, dentro de nós, sabemos bem o que somos. Assim como o Paulo, de quem falámos ontem, reconhecemos que temos duas naturezas dentro de nós, cada uma lutando por supremacia. Mas apesar de crescermos — em graça, claro — temos fraquezas que parecem demasiadamente fáceis para que o Diabo tenha poder sobre nós. Uma coisa interessante é que as vossas fraquezas podem até nem me importar; a vossa armadura pode ser virtualmente inexpugnável, onde a minha é tão vulnerável. E estas fraquezas humanas, particularmente as nossas próprias, permanecerão connosco até ao dia da nossa morte. Ou não será assim?

Por um lado, sim! Por outro, não! Vamos examinar resumidamente esta situação.

Primeiramente, se esperais perfeição em vós mesmos, tereis um grande desapontamento. Perfeição significa liberdade total do pecado. Alguém que saiba apenas um pouco acerca da natureza humana, saberá que esta espécie de perfeição é impossível. Nascemos em pecado e nunca poderemos obter esse padrão de perfeição que é o nosso alvo; pelo menos até ao acto da glorificação, quando Cristo vier.

João diz: «Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós.» — I João 1:8.

Nas últimas horas do tormento deste mundo, haverá um grupinho que estará o mais perto possível da perfeição. Todavia ao se aproximar a hora do seu destino, pensarão assim: «Ao reverem o passado, suas esperanças desfalecem; pois que em sua vida inteira pouco bem podem ver. Estão perfeitamente cõscios da sua fraqueza e indignidade». **O Grande Conflito**, pág. 617. O mesmo se passou com Enoque: «Quanto mais íntima a ligação com Deus, mais profunda era a intuição de sua própria fraqueza e imperfeição:» **Patriarcas e Profetas**, pág. 82.

Enquanto reinar Satanás, teremos de subjugar o próprio eu e vencer os pecados que nos assaltam; enquanto durar a vida, não haverá ocasião de repouso, nenhum ponto que possamos atingir e dizer: «alcancei tudo completamente». A santificação é o resultado de uma obediência que dura a vida inteira.

«Nenhum dos apóstolos e profetas declarou jamais estar sem pecado. Homens que viveram o mais próximo de Deus, que sacrificariam a vida, de preferência a cometer conscientemente um acto mau, homens a quem Deus honrou com divina luz e poder, confessaram a pecaminosidade da sua natureza. Eles confiaram inteiramente na justiça de Cristo.

«... Quanto mais nos aproximamos de Jesus, e quanto mais claramente distinguirmos a pureza do seu carácter, tanto mais claro veremos a excessiva malignidade do pecado, e tanto menos nutriremos o desejo de nos exortarmos a nós mesmos. Haverá uma contínua, sincera, contrita confissão de pecado e humilhação de coração perante Ele. A cada passo em frente na nossa experiência cristã, nosso arrependimento se aprofundará.» **Actos dos Apóstolos**, págs. 560 e 561.

Estes textos mostram-nos que é illusório o querer encontrar perfeição nesta vida. Mas mesmo assim, a Bíblia insiste em que tenhamos um padrão o mais aproximado possível da perfeição. E os escritos do Espírito de Profecia são em abundância a recomendar-nos que Deus requeira um padrão o qual não será satisfeito a não ser com o nosso melhor esforço. Em primeiro lugar devemos notar, como já antes vos fiz notar, que há diferença entre pecado e pecados. Os pecados individuais que cometemos — desonestidade, cobiça, mau génio, impertinência para com os pais, etc., são uma coisa, e o pecado hereditário que há em nós, com o qual já nascemos — «nascidos do pecado» — como a Escritura diz e o qual é descrito por Paulo como «o velho homem» ou «a natureza carnal», é outra coisa.

Vós e eu poderemos dizer, juntamente com o homem embriagado de que já falei: «tenho esta pequena fraqueza». Paulo, em Hebreus, fala de tais pecados como «pecado que tão de perto nos rodeia». Todavia à medida que crescermos em graça e conhecimento do nosso Senhor Jesus

QUINTA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO

O QUE ME DESGOSTA É QUE FACILMENTE ME ESQUEÇO

«Senhor, estou profundamente agradecido por tudo o que fizeste por mim. Muito antes de eu me interessar pelos assuntos espirituais, Tu vieste a esta Terra e Tu morreste por mim. Eu te servirei por toda a minha vida!». David X era muito sincero. A sua conversão não era das que faziam fogo e chammas e que depressa se esvaíam em fumaça.

Não, a sua experiência espiritual era sã e bem fundamentada. Decidiu de todo o seu coração pertencer a Deus e desejava ardentemente submeter-se ao Seu serviço.

No passado, tinha tido várias vezes vontade de se ligar totalmente à fé cristã; e sempre hesitou... Agora, era assunto sério: a sua decisão estava

Cristo e reconhecemos «a excessiva pecaminosidade do pecado» (expressão de E. G. White), nós abominaremos o cometer esses pecados de livre vontade. Preferiremos morrer a pecar. Seremos vitoriosos!

É uma coisa patética pensarmos que podemos dar esta desculpa, «Bem vê, tenho esta pequena fraqueza.» Essa é a verdadeira loucura do homem que não conhece a graça do Senhor Jesus Cristo. Leio em Apocalipse que, o que herdar o Reino de Deus, pelo menos será um vencedor. Leio em Apocalipse 2 e 3 estas promessas:

... Dar-lhe-ei a comer da árvore da vida — 2:7.

... Não receberá o dano da segunda morte — 2:11.

... Darei eu a comer do maná escondido, e uma pedra branca — 2:17.

... Dar-lhe-ei poder sobre as nações — 2:26,27.

... Dar-lhe-ei a estrela da manhã — 12:17.

... Será vestido de vestes brancas e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida — 3:5.

... O farei coluna no templo do meu Deus — 3:12.

... Lhe concederei que se assente comigo no Meu trono — 3:21.

Estas promessas ao vencedor põem em fuga o argumento daqueles que ensinam que o homem somente tem que aceitar tudo o que Cristo fez por ele e que depois não precisa de se preocupar mais. Certos de que Deus fez tudo por nós e a justificação é justamente isso — o que Deus fez por nós no Calvário e a sua aceitação, vem então o processo da santificação, o qual chama a si todo o esforço do cristão nascido de novo. Ele terá que lutar para ser vencedor dessa coisas que mancham a imagem de Cristo em seu carácter. É uma batalha e uma marcha;

é um nunca mais acabar de se esforçar; é o trabalho de uma vida inteira, o assunto da santificação, um trabalho levado a efeito em íntima cooperação com o Espírito Santo.

Desgraçado do homem, mulher, jovem ou criança que se esconde deliberadamente atrás dessa fraca desculpa: «Bem, eu tenho esta pequena fraqueza» e pensa que esta é uma razão suficiente para se entregar a essa fraqueza. Devemos sempre tomar Cristo como nosso padrão, sabendo que, apesar de ser impossível sermos comparados com Ele, na Sua pureza e santidade, esse é o alvo para o qual devemos prosseguir.

E o que acontece quando a nossa «pequena fraqueza» por vezes sai vitoriosa? O que acontece se o nosso mau génio, a desonra aos pais, a nesonestidade ou outra qualquer coisa nos vence? Deixa-nos Ele? Corta-nos Ele da Sua graça? Nunca! «Se confessarmos os nossos pecados Ele é fiel e justo para nos perdoar e nos purificar de toda a injustiça:» **I João 1:9**. «Mesmo quando somos vencidos pelo inimigo, não somos repelidos, abandonados, nem rejeitados por Deus.» **Aos Pés de Cristo**, pág. 96.

Graças a Deus porque Ele não nos toma ou mede pelas nossas faltas. Os Seus olhos contemplam as tendências da nossa vida. Ele conhece o nosso coração e não nos cortará da nossa herança somente porque tropeçamos. Sublinhei esta declaração no meu livro **Aos Pés de Cristo**, pág. 86: «O carácter revela-se, não por boas ou más acções, mas pela tendência habitual das palavras e dos actos.»

Não, devemos nós refugiar-nos atrás de tão fracas desculpas tais como: «Bem vê, tenho esta pequena fraqueza», ou, «Toda a nossa família perde depressa a paciência», ou, «Vós tendes as vossas fraquezas e esta é a minha», ou, «Não posso fazer nada, é a minha maneira de ser»? Atiremos para longe todas estas desculpas!

tomada. Pela primeira vez na sua vida, ele compreendeu o verdadeiro sentido do sacrifício de Cristo. Compreendeu, que os seus pecados haviam sido perdoados e que a justiça de Cristo lhe tinha sido imputada, que na sua conta nos registos do Céu tinha deixado de ser devedor desde o instante em que a necessidade de arrependimento o tinha atirado aos pés do Salvador. Cristo tinha pago a dívida de David X. Apesar disso, este servi-lo-ia voluntariamente: O compromisso do jovem era sincero e da sua consagração ninguém duvidava. A oração que vos transcrevi não tinha sido inspirada num instante de fervor passageiro; era, pelo contrário, o resultado de uma longa meditação. Não poderíamos acusá-lo de ter cedido a uma crise de sentimentalismo; a sua profissão de fé repousava sobre sólidos fundamentos. Era do fundo do coração que a proclamava.

Mas, se encontrásseis o mesmo jovem seis meses mais tarde, constataríeis que a sua consagração era inexistente. O seu zelo pelo serviço de Deus tinha parado; tudo tinha morrido! Se tivésseis de conversar com o rapaz e de lhe lembrar as suas aspirações espirituais do passado (o que eu fiz), ter-vos-ia respondido como o fez a mim: «Sim eu sei!...» com um pequeno sorriso forçado. Não impede que todo o seu belo fervor se derretesse como manteiga sob o sol do Verão. Esquecidas as promessas de servir, esquecidas as palavras de louvor pronunciadas numa reunião de oração (o que vos explica que eu seja capaz de as transcrever), esquecidas as grandes resoluções de seguir dedicadamente o Mestre para lhe testemunhar gratidão. De tudo isto, nada restava. O que se teria passado, afinal?

David X reagiu, simplesmente, segundo uma das características banais da espécie humana que parece dotada de uma memória com eclipses, de uma predisposição fantástica para o esquecimento. Este jovem estava cheio de boas intenções — pelo menos a maior parte do tempo. O seu entusiasmo pelas coisas de Deus não era fictício, irreal. Mas os dias tinham-se tornado em meses e, ao longo dos dias, as aspirações espirituais tinham-se empalidecido, imperceptivelmente e progressivamente, ao ponto de perderem toda a sua cor. Finalmente, cerca de quatro meses e meio depois de ter tomado este compromisso (uma semana a mais ou a menos; a minha recordação destes acontecimentos está um pouco enevoada. Como vêem, também eu me esqueço do que devia recordar), ele bebeu o seu primeiro cálice de licor e fumou o seu primeiro cigarro, durante uma viagem — foi o termo empregado por ele. Não confundais — não se trata de droga. Era antes, como dizer, uma espécie de evasão, dentro de limites relativamente razoáveis. Enfim, já que decidi nada vos esconder, dir-vos-ei mais (com a sua autorização, aliás) que ele passou o fim-de-semana com uma jovem viúva de fraca reputação,

conforme um hábito adquirido no tempo em que ele não tinha interesse pelas coisas espirituais.

David tinha, segundo parece, depressa esquecido as alegrias da salvação. A sua família, mesmo os amigos, ignoravam totalmente para onde ele ia todos os fins-de-semana. Sabiam somente que ele se ausentava. «O que quereis! preciso de me evadir!» explicava-se com um meio sorriso. Não dava outras razões para as suas fugas.

Certo dia, precisamente durante essa época, a irmã de David ficou doente. O que inicialmente tinha sido diagnosticado como sendo uma gripe infecciosa, revelou-se rapidamente ser uma meningite (se não me engano). Foi preciso levar a juvenzinha ao hospital de urgência. Toda a família (todos crentes fiéis) passou um fim-de-semana muito triste. Só houve uma excepção: com certeza! Quando voltou, na segunda-feira à noite, os seus pais dera-lhe a trágica notícia. A sua irmã, à qual ele estava profundamente ligado — e que no momento da sua saída parecia estar melhor — acabava de morrer. David ficou atónico com a notícia recebida.

Descrever-vos as reacções do jovem depois deste grande desgosto é quase impossível. Ele reprovava-se violentamente da sua ausência e, embora não devamos dar crédito a deduções semelhantes, ele via nesta morte um castigo de Deus pela sua conduta. Durante toda a cerimónia fúnebre, parecia perdido com os seus pensamentos. E, sobre a tumba aberta desta sua irmã querida, ele tomou silenciosamente a determinação de se libertar totalmente dos laços nos quais o pecado o retinha como prisioneiro, e de mudar totalmente o seu modo de vida. Era uma resolução nobre, que não caiu em saco furado. O jovem começou a frequentar de novo a igreja, retomou o contacto com os seus velhos amigos — amigos verdadeiramente cristãos, quero eu dizer — e fez o voto de se comportar de tal maneira, com a ajuda de Deus, que lhe seria possível um dia, reencontrar a sua querida Chippy (sobrenome afectuoso que dava à sua irmã).

Os pais do jovem e os seus amigos pertencentes à igreja alegraram-se muito das novas disposições de David. Era como reencontrar um filho que tinha partido para muito longe e voltava de novo a casa. Ródearam-no de privilégios e de afeição, mostraram-lhe como estavam felizes com a sua presença. Nenhum filho pródigo — mesmo o da parábola — teve um acolhimento com tanto calor. Tornou-se uma fonte de inspiração para os grupos de jovens, sempre disposto a dar o seu testemunho e a agradecer a Deus o ter voltado ao caminho recto. Os menos optimistas retomavam esperanças e declaravam: «Poder ser, apesar de tudo, que a morte da sua irmã tenha tido o papel de catalizador. Talvez tudo tenha sido vontade de Deus...»

Gostaria que a minha história acabasse aqui; que ficasse marcada pelo

perfume de bondade que flutua, geralmente, no epílogo das histórias. Gostaria de dizer que David tomou todos os seus compromissos anteriores e que nenhum obstáculo sério foi capaz de o afastar. Infelizmente, temos que contar com a sua memória perigosamente enfraquecida e que de novo enveredou por maus caminhos. Doze meses depois da morte de Chippy, precisamente no dia deste triste aniversário — custa-me precisá-lo — David foi-se encontrar de novo com a jovem viúva. Custa-me acrescentar que as raparigas deste tipo têm somente uma influência destrutiva sobre as aspirações espirituais. Os pais e amigos de David estavam consternados; eles desgostavam-se ao ver que David se atirava definitivamente no abismo fatal. Desta vez, em vez de uma deterioração gradual, como anteriormente, o declínio foi muito rápido. No espaço de poucas semanas, o jovem afastou-se e deixou de ver os seus amigos cristãos por completo; parecia decidido a romper as sequelas da sua conversão.

Pensareis, certamente, que David era um jovem sem carácter. Eu que o conheci muito bem, direi simplesmente que ele se tornou um esquecido, negligente. Arrisco-me a emitir uma opinião que não vos agradará: no fundo, todos nos parecemos estranhamente com ele. A viva impressão que a sua conversão tinha feito sobre ele, o choque da morte da sua irmã, tinham-se simplesmente apagado da sua memória. Não estava mais protegido pela recordação desses acontecimentos. Estava, pois, mais exposto às tentações de Satanás. Enquanto o jovem, confiante e feliz, seguia em paz os caminhos da cruz, o diabo punha na sua estrada o espectro do esquecimento — um meio como outro qualquer de ter poder sobre ele.

Como a maioria dos amigos cristãos de David, fui tentado a considerar este jovem como definitivamente perdido para a igreja. Continuámos, no entanto, a orar com fervor por ele. Era um rapaz simpático sempre de bom humor. O seu largo sorriso, as inesgotáveis histórias interessantes que contava com frequência, mantinha entre alguns amigos a esperança de um dia, talvez, voltar... Mas, não seria alimentar ilusões? O pacote de cigarros que enchia o seu bolso da camisa mostrava que David tinha dado o mau passo. «Veremos... Talvez, mais tarde!» Contentava-se em dizer àqueles que o encorajavam a voltar. Era preciso ser-se muito optimista para se acreditar.

Eis que um dia, o pai de David morreu bruscamente, enquanto trabalhava. O seu coração fatigado tinha deixado de bater. David foi avisado. Voltou a casa com uma certa relutância — custava-lhe encontrar-se no seu lar cristão; o álcool provoca este efeito de afastamento ao melhor dos homens. Uma vez em casa, semiperturbado, voltou a fazer todas as promessas anteriores, mas ninguém o tomou a sério; estávamos habituados ao David que não mantinha a sua palavra. David

parecia o mais perturbado de todos. Nunca mais veria o seu pai. Ele amava-o muito; houve, outrora, entre eles, afinidades profundas e o seu entendimento era quase o ideal. O comportamento de David havia arruinado este tão belo acordo entre pai e filho.

Entretanto, depois destes acontecimentos, David recomeçou a frequentar a igreja. O bolso da sua camisa tinha-se achatado curiosamente, com o desaparecimento do pacote de cigarros. Evitava com todas as suas forças o álcool assim como certas drogas. Renovou a sua profissão de fé. Mas os seus amigos não se convenceram, persudidos como estavam de que não cumpriria durante muito tempo os seus compromissos. Sabíamos que tinha uma grande inclinação para o esquecimento; duvidávamos agora que as suas promessas fossem sólidas — esquecer-se-ia destas como o tinha feito no passado! ... Não penseis que minimizámos o poder do espírito Santo, só que, vendo a flexibilidade aparente de David, nós reservávamos o nosso prognóstico. Com efeito ninguém cria verdadeiramente. Um regresso momentâneo de exaltação, sim, seria possível — David parecia sincero — mas conhecíamos o que viria depois.

Era possível que David tivesse voltado, talvez por causa do novo pastor que estava à frente da nossa igreja. Era jovem, cheio de entusiasmo e que, manifestamente, tinha o dom da simpatia. Não era um orador, é verdade, e nunca ia até ao fundo das questões, mas o sermão terminado deixava uma série de assuntos em suspensão que nos obrigava a voltar na vez seguinte. Por qualquer razão que ignoramos, e certamente por inspiração de Deus, o pastor fez uma série de conferências (precisamente na altura em que David voltava às reuniões) acerca dos males que o espírito humano é capaz de nos levar a praticar. Oh! não num estilo discursivo, é preciso realçar! Este jovem pastor não teria, certamente, obtido o primeiro lugar como orador — falava numa linguagem simples, como se de uma conversação se tratasse — mas, certamente, centírféis que se dirigia directa e pessoalmente a vós.

Uma noite, durante a série de conferências, falou acerca das nossas negligências e na grande tendência para o esquecimento. Não me recordo do que disse acerca do assunto, podeis duvidar, mas lembro-me, somente, que se inspirou no capítulo IV de Deuterónimo. Insistiu bastante no versículo 9: «Tão somente guarda-te a ti mesmo, e guarda bem a tua alma, que te não esqueças daquelas coisas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida...» Mostrou como facilmente o tempo apaga tudo em que criámos e que ficaríamos para sempre intactos na nossa memória. Passou em seguida ao versículo 23. Leiamos este versículo: «Guardai-vos de que vos esqueçais do concerto do Senhor vosso

SEXTA-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO

O MEU PROBLEMA É QUE ESTOU PERDIDO

Bem, antes de vos pôr a nu a minha alma, deixai-me explicar uma coisa. Já vos disse, antes, que sou um ministro da Igreja, e agora, ao lerdes este título em que digo que estou perdido, direis: «Como é isso possível? O que está ele fazendo, com credenciais, a receber o seu salário, pregando cada semana, estando agora a fazer uma

confissão desta natureza? Mas o que há aqui?».

Realmente é de perguntar. O ponto é que eu vos estou a falar, através deste título, de alguns anos atrás. Eu não era ministro, apesar de ser o director de um dos colégios secundários. Tinha o meu nome no livro da Igreja, claro, e era ancião da Igreja que fre-

Deus, que tem feito convosco, e vos façais alguma escultura, imagem de alguma coisa que o Senhor vosso Deus vos proibiu.» Desenvolveu o seu pensamento, mostrando que espécie de «imagens» podemos pôr ao nosso serviço. Não era, certamente, o tipo de sermão em que os ouvintes julgariam propositado para focar o coração de uma forma decisiva, mas foi, no entanto, o que se passou com David.

Em seguida, como se este jovem pastor soubesse exactamente o que David necessitava, forneceu a maneira de evitar o esquecimento das coisas essenciais para um cristão. Foi ao apóstolo Paulo que ele pediu a fórmula. Referiu-se a I Coríntios 15:31, onde Paulo declara que «cada dia morro» diante dos perigos que lhe surgem. Isto significa que via possível a sua morte quotidianamente, a fim de ver o que se passaria quanto à sua salvação pessoal. O jovem pastor explicou que, encarar de frente a morte dia após dia é o melhor meio — e talvez o único — para obrigar o cristão a recordar as magníficas verdades dos Evangelhos — por exemplo, que Jesus veio a este mundo morrer em nosso lugar para nos oferecer o perdão e a salvação. Acrescentou que para ele encarar todos os dias a eventualidade da sua própria morte tinha sido uma fonte de grandes bênçãos. Após o fim do sermão, o jovem pastor começou uma discussão sem cerimónias, como era seu hábito, meio sentado sobre um canto da mesa, balançando ritmicamente a perna esquerda e crispando ligeiramente a metade direita da face de cada vez que um dos seus interlocutores fazia uma pergunta embaraçosa — era a sua maneira de reconhecer que não tinha nada a responder.

Voltando ao assunto, ninguém teria a ideia de considerar este sermão como uma reunião de reavivamento. Foi, no entanto, o que aconteceu com David. Compreendeu que, de certa ma-

neira, as falhas da sua memória lhe tinham sido prejudiciais, privando-o da salvação, e impôs-se a si mesmo, também, a consideração de que se não tivesse sempre presente a eventualidade da sua morte iminente, a tentação tomaria de novo conta de si. Foi o início da volta definitiva de David. Tudo isto, contudo, não aconteceu sem nada de dramático. Agora que tinha percebido o seu problema, podia voltar e continuar sempre em frente confiante. Aceitar o Evangelho, crer na Boa Nova da salvação dada a todos por Jesus Cristo, não seria uma experiência estática, perdida no tempo. Era preciso renová-la cada dia. «Salvo um dia» tornar-se-ia, com o decorrer do tempo, «salvo para sempre». O importante era guardar este pensamento sempre presente, pois mesmo a maravilhosa mensagem da justificação pela fé pode desaparecer e perder o seu impacto se não tivermos bem presente no espírito esta verdade dramática — e bem actual! — de que estamos «cada dia expostos à morte».

Devo reconhecer que as deficiências de memória, como as de David, são frequentemente as minhas também. Também serão as vossas, certamente. O nosso espírito procura evadir-se cada dia, distraído pelo que se oferece à vista e os assuntos essenciais — os espirituais — passam para um segundo plano. A nossa natureza pecaminosa aproveita-se para nos atirar para planos mais baixos. Chegamos a pensar só ocasionalmente no maravilhoso plano de Deus, tudo o que foi feito para nos tirar do abismo, a maravilhosa certeza do amor do nosso Redentor.

Temos muito que nos lamentar do facto de ignorarmos o verdadeiro significado de «morro cada dia». Paulo precisou de o conhecer. Também eu preciso. Vós também, certamente! Esquecer é pôr em perigo a salvação da nossa alma. ●

quentava. Por vezes pregava na Igreja, e por vezes era convidado a falar noutras Igrejas. Tinha prazer na minha vida de Igreja, e a minha vida familiar era tão tranquila como se possa esperar de um homem que está fazendo o seu melhor para educar a sua família no temor e admoestação do Senhor, como dizemos. (E o tempo tem-me mostrado que o último esforço, graças à abundante graça de Deus, não foi em vão).

Bem, no meio de tudo isto, subitamente eu senti-me num lamaçal, espiritual. Bem, realmente eu não me tinha modificado. De facto, nada se modificara. Mas subitamente, olhei para mim mesmo e reconheci que não estava vivendo à altura. Todas as boas obras que tentava fazer — pregar, levar a cabo os meus serviços como ancião, tomando parte em todas as funções de Igreja, cuidando de um colégio liceal e aconselhando os jovens e fazendo tudo o que realmente devia fazer — parecia não merecer menção nenhuma. Era uma parte insignificante no crédito da minha conta. E eu sabia, ao olhar para mim mesmo com olhar crítico e imparcialmente, que não estava vivendo à altura.

Por favor, compreendam o que estou a tentar dizer. Eu não fiquei maluco de repente, nem comprei um maço de cigarros, nem ia a clubes nocturnos ou olhava para o céu através do fundo de uma garrafa de cerveja. Não, nada disso. Mas cheguei à conclusão que tinha tanto mal inerente dentro de mim que eu **sabia** que, se morresse num acidente de carro ou qualquer outra coisa, estaria perdido. Pelo menos, era assim que sentia.

Porquê? Porque cheguei tão baixo? Serei eu do género piegas? Penso que não... esperem que vou perguntar à minha mulher... acabei de lhe perguntar e ela disse: «Não, claro que não és», assim fica este assunto arrumado. Não sou do género piegas. Nem tenho períodos de depressão e desespero. Acho que, pelo contrário, sou um alegre companheiro, sinceramente, apesar de me terem dito, uma autoridade no assunto, que por vezes tenho uma espécie de olhar assustador — mas rejeito essa ideia completamente. De vez em quando conto uma anedota suave, gosto de uma boa risada (a qual faz bem como um bom remédio), e até expresso sentimentos de optimismo quando à minha volta só se fala de predições sombrias. Assim podeis bem perguntar: porque é que eu subitamente pensei que se terminasse os meus dias de peregrinação nesta terra de um momento para o outro, estaria perdido? Porque eu li que se esperava de mim que fosse perfeito, só por isso. E eu disse a mim mesmo: «Isso é impossível!». Então abanei a cabeça tristemente; nunca poderei chegar lá. «Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai que está no Céu», li eu. E reconheci que o padrão era por demais elevado. Terrivelmente elevado.

Comecei a investigar o assunto em minha melancolia, claro. E tive um grande alívio ao ver que «perfeito» aqui significa «maduro». **Esse** foi um peso que saiu da minha mente. Mas eu não estava lá muito certo de que era «maduro» dentro do significado deste termo bíblico. Além do mais, o pior ainda havia de vir. Um ministro muito consagrado veio à nossa Igreja e pregou um sermão que me deixou abalado. Ele disse, abençoado seja o seu sincero coração, que a não ser que se consiga alcançar um padrão verdadeiramente perfeito, se está perdido. Eternamente. Assoladoramente. Miseravelmente.

Este venerável senhor (que, tenho a certeza, era tão boa pessoa que não seria capaz de nem mesmo ter uma palavra de impaciência — ou até nem mesmo um pensamento) deu ênfase a que se eu esperava ser salvo para o reino de Deus, teria que ter uma folha completamente limpa. Nenhuma marca contra mim; nenhum borrão a sujar a página. O seu texto: «Até que todos chequemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura perfeita de Cristo.» (Efésios 4:13).

O bondoso senhor demorava-se em cada frase, e de todas as vezes eu ficava um pouco pior. Quando chegou àquele lugar onde diz: «a varão perfeito», vi que estava tudo acabado. Então ele repisou isso com a última linha: «à medida da estatura perfeita de Cristo». Fui para casa desanimado. **Sabia** que nunca chegaria à estatura de Cristo, o Senhor todo-misericordioso. O Cordeiro Morto desde a Fundação do Mundo! O Imaculado Filho de Deus. Poderia eu alguma vez chegar a um nível como esse? Digo-vos que esse foi um duro osso de roer, e eu estava muito deprimido acerca de todo esse quadro.

Admiti a mim mesmo que nunca poderia igualar essa vida sem pecado. Estava perdido. «Deus tem dado o Seu Espírito como um divino poder para vencer todas as más tendências hereditárias ou cultivadas, e para imprimir o Seu próprio carácter sobre a Igreja... Estamos nós a procurar a Sua plenitude, sempre insistindo rumo ao alvo que nos é posto — a perfeição do Seu carácter? Quando o povo de Deus atingir este alvo, será selado nas suas testas.» (Pág. 150 — Our High Calling).

Assim não era só eu. Eram todos. Fui tentado a olhar para os meus companheiros cristãos. Eram boas pessoas. Mas se eu lhes tivesse perguntado, tenho a certeza que eles iriam admitir que não tinham alcançado este alto padrão. Porquê? Até eu poderia ver imperfeições aqui e ali — apesar de tentar não pensar nelas. Pessoas excelentes, fortes no espírito, mas perfeitas? Não! Claro que eu não devia ter examinado as vidas dos meus irmãos mas terei que contar esta história como aconteceu, e não como deveria ter acontecido.

O sermão do idoso senhor fez-me bem de uma maneira, pelo menos. Fui levado a estudar. Peguei no meu novo volume do Comentário Bíblico (que tinha acabado de sair nesse tempo) e em Efésios 4:13 o comentário foi muito proveitoso.

A seguir a «varão perfeito» estavam estas palavras: «ou homem maduro». Isto refere-se não tanto ao indivíduo mas sim à Igreja, a qual terá que chegar a um estado de unidade orgânica, perfeição, maturidade, contrastada com a imaturidade sugerida no verso 14. Pois tanto para o indivíduo como a Igreja, a semelhança com Cristo é o alvo a ser alcançado. (Rom. 8:29). A recusa em crescer é ainda maior pecado do que a própria imaturidade, e é o resultado da satisfação pessoal e ideais baixos». A frase «plenitude de Cristo», o comentário é: «Somente Cristo teve estatura completa e é o homem completo, o homem perfeito.»

Essas duas afirmações encorajaram-me tremendamente. Talvez o bondoso pregador não tivesse estudado tanto quanto devia. O idealismo da sua pregação era, assim parecia, bastante melhor do que o seu conhecimento.

Quanta angústia de espírito teria evitado se eu tivesse acesso, nessa altura, à afirmação de Edward Heppens-tall: «Da Palavra de Deus vemos que é a maturidade espiritual e estabilidade que é possível nesta vida, não perfeição sem pecado. Mais ainda, que o uso da palavra bíblica **teleois**, «perfeito», não significa perfeição sem pecado, compreende-se quando os crentes são chamados perfeitos por alcançarem um simples degrau em direcção ao ideal... O homem perfeito ou maduro é descrito como um que tem completo controle da sua língua, ou o que resiste à prova da fé sem vacilar. O crente que é qualificado nalguma destas provas é designado pelas Escrituras como um cristão perfeito e maduro.» (**Perfection, the Impossible Possibility**, pág. 67).

Infelizmente não tinha essa citação, mas cheguei a uma conclusão semelhante à força de muito estudar. Custou um pouco de trabalho árduo, sendo eu como Shakespeare que neste assunto sei «pouco de latim e menos de grego». Mas foi um grande alívio verificar que a Escritura não impõe como regra que eu deva alcançar a perfeição sem pecado para conseguir a salvação. Olhei para alguns dos heróis bíblicos cujas histórias sabia desde a infância. David não era assim perfeito como tudo isso (no nosso sentido da palavra sem pecado) apesar de ser dito dele que era um homem segundo o próprio coração de Deus.

Ao chegar a este lugar tive que reprimir o desejo de dizer: «O quê? Aquele homem tão mau? Então, e o caso dele com Bathsheba?» Mas reconheci que quando Deus toma os pecados dos homens que a Ele são levados em contrição, Ele os atira nas profundezas do mar. (Miqueias, 7:19).

Mais ainda, não se lembra mais deles! (Jer. 31:34). Estas eram boas

novas na verdade. E se Deus podia ver só maturidade, sim, perfeita justiça em David, quando aquele pecador Lhe foi pedir perdão (Salmo, 51), então haveria esperança para mim.

Olhei para Paulo. Bem, quando ele ainda era Saulo. Ali estava ele segurando as capas daqueles que apedrejavam Estêvão.

Ali estava ele arrastando os cristãos ante os tribunais de Roma somente pelo prazer de os ver condenados a, sabe Deus o quê. Quantas vidas foram postas na conta de Saulo de Tarso? Mas o que aconteceu naquele dia em que ele viu o Senhor Jesus? Mudado, completamente mudado. E o que aconteceu ao seu registo no Céu? Limpo! Ele estava apto a escrever dele mesmo o mesmo que escreveu dos seus irmãos: «Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo.» (Rom., 5:1).

Por seis vezes nestes quatro versículos (Rom., 5:15-18) esta justificação é mencionada como um dom. E quando um homem é justificado, está aos olhos de Deus com o seu registo perfeito. Essa descoberta significou muito para mim. A minha tristeza desvaneceu-se; minhas esperanças subiram rapidamente; minha fé voltou e eu orei: «Senhor eu creio; ajuda a minha credulidade.»

Esse tinha sido o meu problema ao ouvir a admoestação para ser perfeito. Pensava que se esperava de mim que estivesse num perfeito estado sem pecado e fiquei desanimado. Eu sabia que nem de longe poderia chegar à perfeição e temi pela minha alma; foi aí que pensei que estava perdido.

Mas graças sejam dadas a Deus pelo seu dom inaudito!

Posso ser considerado perfeito pelo dom gratuito de Deus — a justificação; e, dia após dia, tal é o meu regozijo n'Ele, tal é a minha gratidão a Ele, posso deixar que o processo da santificação pelo Seu Espírito Santo se apodere da minha vida e eu vivo mais perto d'Ele hoje do que vivia há um ano, ou há um mês atrás. Mas ainda havia algumas afirmações e conceitos que tinha que pôr em ordem, pois as crenças antigas são difíceis de morrer. A descoberta de alguns comentários da Irmã White também ajudaram. «Com as nossas faculdades limitadas devemos ser tão santos em nossa esfera como Deus é santo na Sua.» (I vol. ME, pág. 337). Oh, que alegria! Aprecio imenso isso. O que me diz Ele nestas palavras? Ele diz-me que não se espera de mim que eu alcance o padrão que é impossível a alguém que tenha a natureza pecadora — inerente e herdada — alcançar. Não estará esta declaração a dizer que Deus requer que eu faça o meu melhor, pela Sua graça, e que o meu coração esteja 100 % por Ele, para alcançar as alturas e não me contentar com o lamaçal e lodo da experiência cristã?

Também há isto: «Devemos esforçar-nos por ser perfeitos na nossa esfera assim como Ele é perfeito na

SÁBADO, 18 DE FEVEREIRO

O MEU PROBLEMA É QUE EU ME MENOSPREZO

É este o meu problema? Eu menosprezo-me? Bem, não é exactamente assim. Lembrar-se-ão de que no último sábado falámos de como tendemos a exagerar a nossa própria força e poderes espirituais. Terei eu feito uma completa meia volta desde que me examinei durante esta semana? Não, não é exactamente isso o que eu tinha em mente. Não estou a falar acerca de menosprezar-me a mim mesmo; de facto, sou humano e, como vós, sou naturalmente inclinado a dizer a mim mesmo que sou mais forte do que na realidade sou. Hoje, quero falar acerca de Jesus.

Deixai-me levar-vos de volta a milénios de anos atrás. O pecado acabou de deitar abaixo os nossos primeiros pais. Eles sucumbiram aos sofismas de Santanás e mancharam a perfeita criação de Deus pela sua loucura. Mas Deus não é tomado de surpresa. Deixai que a pena da inspiração fale:

«A queda do homem encheu o Céu todo de tristeza. O mundo que Deus fizera estava deslumbrado pela maldição do pecado, e habitado por seres condenados à miséria e à morte. Não parecia haver meio pelo qual pudessem escapar os que tinham transgredido a lei. Os anjos cessaram os seus cânticos de louvor. Por toda a corte celestial havia pranto pela ruína que o pecado ocasionara.»

Sua. Não mais devem os crentes permanecer despreocupados quanto à formação de caracteres rectos. Colocando-se sob a influência transformadora do Espírito Santo devem eles formar caracteres que sejam um reflexo do carácter divino.» 8 T 86.

A Irmã White viu tudo em perspectiva quando escreveu: «Lembremo-nos de que lutamos e caímos, falhamos nas palavras e nos actos em representar Cristo, caindo e erguendo-nos de novo, desesperados e esperançados. Tenhamos o cuidado de não lidar indelicadamente com aqueles que, como nós, estão sujeitos às tentações e que, como nós, também são objecto do amor infalível de Cristo.» (9 T, pág. 222).

Estas palavras são as palavras de quem reconheceu que homens e mulheres falíveis teriam os seus momentos de fracasso mesmo até ao fim dos tempos. Não é apenas um ponto de

O Filho de Deus, o glorioso Comandante do Céu, ficou tocado de piedade pela raça decaída. Seu coração moveu-se de infinita compaixão ao erguerem-se diante d'Ele os ais do mundo perdido. Entretanto o amor divino havia concebido um plano pelo qual o homem poderia ser remido. A lei de Deus, quebrantada, exigia a vida do pecador.

Em todo o universo não havia senão um Ser que, em favor do homem, poderia satisfazer as suas reivindicações. Visto que a lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente um Ser igual a Deus poderia fazer expiação por sua transgressão. Ninguém, a não ser Cristo, poderia redimir da maldição da lei o homem decaído, e levá-lo novamente à harmonia com o Céu. Cristo tomaria sobre Si a culpa e a ignomínia do pecado — pecado tão ofensivo para um Deus santo que deveria separar entre Si o Pai e o Filho. Cristo atingiria as profundidades da miséria para libertar a raça que fora arruinada.

Perante o Pai pleiteou Ele em prol do pecador; enquanto a hoste celestial aguardava o resultado com um interesse de tal intensidade que palavras não o poderão exprimir. Mui prolongada foi aquela comunhão misteriosa — o «conselho de paz» (Zacarias, 6:13) em prol dos decaídos filhos dos homens. O plano de salvação fora estabelecido

vista caridoso; é também um ponto prático; é um ponto de vista firme; o quadro correcto e teológico; o ponto de vista sensato.

É isto a chamada «graça barata»? Deus nos livre disso! Esta é a maravilhosa provisão de Cristo para as pobres e enfraquecidas almas nas quais a fraqueza humana abunda. Esta é a maravilhosa garantia que temos, de que, embora perdidos, pecadores condenados, aparentemente sem esperança de redenção, há uma porta de escape: é através do sangue de Jesus Cristo. E quando eu tiver entrado na família de Deus através das maravilhas da Sua graça, desejarei servi-l'O o melhor que possa, fazendo cada vez melhor, sabendo que a santificação é obra de uma vida inteira.

Assim não terei que estar nem mais um minuto nas condições de perdido. Que maravilhoso Salvador! ●

antes da criação da Terra; pois Cristo é «o Cordeiro morto desde a fundação do mundo» (Apocalipse, 13:8); foi, contudo, uma luta, mesmo para o Rei do universo, entregar Seu Filho para morrer pela raça culpada...

Deus ia ser manifesto em Cristo, «reconciliando consigo o mundo». O homem tornara-se tão degradado pelo pecado que lhe era impossível, por si mesmo, voltar à harmonia com Aquele cuja natureza é pureza e bondade. Mas Cristo, depois de ter remido o homem da condenação da lei, poderia comunicar força divina para se unir com o esforço humano. Assim, pelo arrependimento para com Deus, e fé em Cristo, os caídos filhos de Adão poderiam mais uma vez tornar-se «filhos de Deus». (**Patriarcas e Profetas**, págs. 63 e 64).

Como podeis medir o infinito amor de Deus? Como pode alguém menosprezar o Seu interesse e compaixão por nós, seres caídos? Não teria sido mais fácil Deus limpar da face da terra toda a raça humana, o Diabo e os seus anjos também, e começar de novo? Mas «Deus amou de tal maneira...» a Sua criação que não poderia separar-Se dela assim tão facilmente. E Jesus ofereceu-Se para estar no lugar do homem e sofrer a ignomínia que o homem merecia. Quão majestoso é o Seu plano da salvação! Que maravilhoso Salvador Ele é! Mas quantas vezes nós O menosprezamos! Nós não podemos jamais compreender o que essas palavras mencionadas acima significam realmente. Elas dizem-me que — vós e eu, miseráveis pecadores como somos, podemos novamente ser filhos e filhas de Deus. Elas dizem-me que as nossas vidas podem ser transformadas, essas vidas que foram tão degradadas pelo pecado, para que cheguemos a ter harmonia com Deus! Mas como? Ah! Aí é que bate o ponto!

Temos notado durante a semana que podemos ser justificados livremente pela graça de Deus. Mas ainda há aquela velha e desprezível vida. David ainda era um pecador ao clamar a Deus por perdão; Deus por certo tinha lavado o seu registo, justificando-o completamente; fê-lo como se nunca tivesse pecado. Mas, e daí? E o que se seguirá para vós e para mim? Nós que somos culpados de pecados como os de David — orgulho, inveja, ciúmes, colúmbias, boateiros, assassínio do carácter, bisbilhotice maliciosa, ou outra coisa — o que nos reserva o futuro?

«Mas a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus» Deus não justifica ninguém a quem não possa santificar.

Oferecemos um insulto ao poder de Deus quando recusamos crer que Ele

possa fazer brotar frutos bons das nossas vidas. Estamos virtualmente chamando mentiroso a Deus quando dizemos que Ele não nos pode elevar a um plano de vida mais alto pela grandiosidade do Seu amor e do poder do Seu Espírito. Deus chama a todos os que aceitaram a salvação providenciada tão livremente por Cristo para que vivam uma vida santificada.

Notai que a santificação não será um processo instantâneo. A nossa justificação foi instantânea, mas a santificação levará uma vida inteira para se efectuar. Isso significa que dia após dia devemos esforçar-nos por nos elevar, pelo poder da Sua graça. A vida de vitória sobre o pecado é descrita na Escritura como uma batalha e uma marcha; Paulo descreve as armas da nossa luta (a espada do Espírito, o capacete da salvação, a couraça da justiça, etc.), uma vida de vitória não é para fracos indecisos; é uma labuta e um esforço; é uma recusa em pensar que uma batalha perdida significa a guerra perdida; é a garantia de que, se cairmos, podemos-nos levantar novamente; é uma constante resistência ao Diabo e seus ardis; é uma prova sem fim ao nosso esforço.

Se quereis ler acerca da vida santificada, lede Rom., 6-8. Marquei assim na minha Bíblia: No princípio do capítulo 6 tenho o subtítulo «O Princípio da Santificação». Por cima do verso 12 escrevi: «A Pátria da Santificação». Por cima de Romanos, 7:7, tenho: «A prevenção da Santificação». No início do capítulo 8 tenho o título: «O Poder da Santificação».

Gostaria de poder ter mais tempo para examinar essas três jóias de capítulos convosco, mas terei que extrair somente alguns versos: «Assim também vós deveis considerar-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em união com Cristo. Que o pecado, portanto, não domine os vossos corpos mortais, fazendo que obedeam aos desejos da natureza humana. Nem entreguem nenhuma parte de vós mesmos ao pecado, para ser usada para o mal. Ao contrário, entreguem-se a Deus, como pessoas que foram trazidas da morte para a vida e entreguem todo o vosso ser a Ele para ser usado para fins justos. (Bíblia na linguagem de hoje Rom., 6-11-13). «Assim diz o Senhor». Nem tentamos dizer como alguns têm sido tolos em dizer: «Não preciso agora de guardar a lei; posso fazer o que quero porque Cristo guardou perfeitamente a lei por mim.»

Sim, Cristo guarda a lei de um modo perfeito por vós, mas isso não vos dá direito de a espezinhar. Como Paulo diria: «Deus nos livre».

Neste texto citado, as palavras operantes são: «vivendo em comunhão com Deus através de Jesus Cristo». Nós menosprezamos o poder de Cristo, o qual nos salvou. Ele não somente pagou o preço e nos deu a salvação; Ele também é O que pelo Seu Espírito, «nos pode guardar da queda». E através d'Ele que podemos ter companheirismo com Deus. Nós menosprezamos o Seu poder quando dizemos a nós mesmos que não podemos viver de acordo com o alto chamado com que nos chamou. Mas se nós falharmos? Se aquele pecado que tão de perto nos rodeia ganha a vitória temporária, então o que acontece? Podemos ser perdoados? Claro que podemos! Notai estas palavras: E se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo.» (1 João, 2:1). Qual é a Sua função? Ele alega com o Seu sangue; Ele chama o Pai para testemunhar que o Seu sangue cobre as transgressões daquele que caiu e que pede perdão; somos cobertos pela Sua justiça e Deus ouve os rogos do Seu Advogado em nosso favor (apesar de que na realidade o Pai não está à espera de ser convencido; Ele ama-nos da mesma maneira que Jesus nos ama). Não menosprezeis a capacidade do Cristo vivo como vosso Advogado.

E também não menosprezeis a Sua compreensão dos vossos problemas. Uma senhora escreveu-me recentemente e perguntou-me se Deus compreendia exactamente quanto difícil era para ela resistir a uma certa tentação, e se eu pensava que Ele alguma vez a perdoaria por um erro que cometera há vinte e cinco anos atrás. A sua carta estava impregnada da necessidade de Cristo. Ela não sabia que Ele era compassivo; que Ele quer salvar a todos os que se acheguem a Ele. E o que há de melhor, é que Ele pode dominar qualquer tentação porque Ele esteve na nossa pele.

De que maneira menosprezamos Jesus quando pensamos que Ele não compreende o nosso problema particular!

E este é o meu problema: Eu tenho a tendência para menosprezar o Seu grande amor para comigo; tendo para menosprezar o Seu poder de guardar-me de cair; tendo para menosprezar a Sua compreensão dos meus problemas. E se vós sois como eu, sereis inclinados a menosprezar Aquele de quem é impossível exagerar. O que é exactamente o vosso e o meu mal: nós exageramos os nossos próprios poderes e menosprezamos os Seus. Agora mesmo, vou tomar a decisão de, pela graça de Deus, pôr a minha perspectiva em ordem.

E vós, também? ●

ACTIVIDADE CRISTÃ

E. G. WHITE

Deus é a fonte da vida, assim como a luz e a alegria do universo. Como os raios de luz emanam do Sol, como os regatos irrompem das fontes de água viva, assim d'Ele dimanam bênçãos para todas as Suas criaturas. E onde quer que a vida de Deus anime o coração dos homens, ela se manifestará em actos de amor e beneficência.

Nosso Salvador encontrava Seu prazer em trabalhar para a elevação e a redenção dos homens caídos. Para atingir esse fim não teve por preciosa a própria vida, mas suportou a cruz, desprezando a afronta. Os anjos, da mesma sorte, estão sempre empenhados em trabalhar pela felicidade dos outros. Esta é a sua alegria. Aquilo que corações egoístas considerariam como serviço humilhante — ajudar os desgraçados que em todos os sentidos lhes são inferiores no carácter e na posição — é a obra dos anjos imaculados. O espírito de abnegação e de amor que caracterizava Jesus Cristo é o espírito que domina no Céu; é a própria essência da felicidade que aí reina. É também esse o espírito que os discípulos de Cristo hão-de possuir; é essa a obra que hão-de fazer.

Quando o amor de Cristo é implantado num coração, da mesma sorte que um perfume suave, não pode ficar oculto. A Sua santa influência será sentida por todos aqueles com quem entrar em contacto. O espírito de Cristo no coração é qual fonte no deserto; refrigera a todos os que se aproximam e desperta nas almas moribundas o anseio de sorver da água da vida.

O amor que tivermos a Jesus se manifesta no desejo de trabalhar como Ele trabalhou, para aliviar e levantar a humanidade. Levar-nos-á ao amor, à ternura e à simpatia para com todas as criaturas de nosso Pai celeste.

A vida terrestre do Salvador não foi uma vida de comodidade e de egoísmo; Ele trabalhou com uma perseverança e um ardor infatigáveis pela salvação da humanidade perdida. Desde o presépio até ao Calvário trilhou a senda da renúncia sem procurar eximir-se a trabalhos árduos, a viagens penosas e a exaustivos cuidados e labores. «O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a Sua vida em resgate de muitos». (Mat. 20:28). Era este o grande objectivo da Sua vida. Tudo o mais era secundário. A Sua comida e bebida consistia em fazer a vontade de Deus e cumprir a Sua obra. O próprio eu e os interesses particulares não encontravam lugar nos Seus trabalhos.

Da mesma sorte os que são participantes da graça de Cristo estarão prontos para fazer qualquer sacrifício a fim de que outros pelos quais Ele morreu participem do dom celestial. Farão tudo o que esteja em seu poder para deixar o mundo melhor do que o encontraram. Tal espírito é a consequência inevitável de uma verdadeira conversão. Tão depressa uma pessoa se chegue para Cristo, nasce-lhe no coração o desejo de revelar aos outros que precioso amigo encontrou em Jesus. A verdade que salva e santifica não pode ficar encerrada no coração. Se nos achamos revestidos da justiça de Cristo, e cheios de alegria proveniente da habitação do Seu Espírito em nós, não nos será possível calar-nos. Se provámos e vimos que o Senhor é bom, teremos alguma coisa a dizer. Como Filipe, desde que encontremos o Salvador, convidaremos outros para virem a Ele. Esforçar-nos-emos por apresentá-lhes os atractivos de Cristo e as realidades nunca imaginadas do mundo futuro. O desejo de seguir a senda que Cristo pisou será

intenso, e ardente é necessidade de conduzir os que nos rodeiam a contemplar «o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do Mundo».

E todo o esforço em favor de nossos semelhantes, recairá sobre nós em chuvas de bênçãos.

Foi este o motivo por que Deus nos confiou um papel no plano da redenção. Ele concedeu aos homens o privilégio de tornarem-se participantes da natureza divina e de, por sua vez, comunicar esta prerrogativa aos seus semelhantes. Esta é a mais elevada honra, a mais perfeita alegria que Deus nos pode conceder. Os que assim se tornam participantes desta missão de amor são os que mais se aproximam do seu Criador.

Deus poderia ter confiado aos anjos celestes a mensagem do Evangelho e toda a obra do ministério de amor. Poderia ter empregado outros meios para realizar o Seu desígnio. Mas no Seu infinito amor preferiu tornar-nos cooperadores Seus, de Cristo e dos anjos, a fim de que pudéssemos participar das bênçãos, da alegria e dos progressos espirituais que resultam desse desinteressado ministério.

Pela comunhão com os Seus sofrimentos, é-nos dado compreender Jesus. Todo o acto de renúncia própria em benefício dos outros fortifica em nós o espírito de beneficência e aproxima-nos mais do Redentor do mundo, o qual, «sendo rico, por amor de vós se fez pobre; para que pela Sua pobreza enriquecêsseis». E é só na medida em que correspondemos ao objectivo de Deus ao criar-nos, que a vida se torna para nós uma bênção.

Se quiserdes por-vos à obra como Cristo espera dos Seus discípulos; se quiserdes atrair almas para Ele, sentireis a necessidade de uma experiência mais profunda e de um maior conhecimento das coisas de

Deus. Tereis fome e sede de justiça; instareis com Deus, e a vossa fé se fortalecerá e a vossa alma poderá beber a largos sorvos da fonte da salvação. As oposições e provas que encontrardes vos impelirão para a leitura da Palavra de Deus e para a oração. Crescereis na graça e no conhecimento de Cristo, e adquirireis uma rica experiência.

A abnegação em favor do próximo dá ao carácter profundeza e estabilidade. Algo da esquisita doçura de Jesus comunicará à alma a paz e a felicidade. As aspirações serão enobrecidas. Não haverá lugar para a ociosidade e o egoísmo. Os que praticam as graças cristãs não-de crescer e tornar-se fortes para o trabalho de Deus. Terão uma clara visão espiritual, uma fé firme e crescente, e um poder novo na oração. A operação do Espírito de Deus despertará as sagradas harmonias da alma, em resposta ao contacto divino. Os que assim se dedicam com desinteresse ao bem dos seus semelhantes trabalham da maneira mais eficaz na sua própria salvação.

O único modo de crescer na graça é fazer dedicadamente a obra de que Cristo nos encarregou — trabalhar na medida das nossas forças, em auxílio dos que têm necessidade de nós. A força desenvolve-se pelo exercício; a actividade é a condição mesma da vida. Os que pretendem manter a sua vida cristã limitando-se a aceitar passivamente a graça do Alto, sem nada fazer por Cristo, procuram simplesmente comer sem trabalhar. Ora, no mundo espiritual como no mundo material, este sistema leva fatalmente à degeneração e à morte. O homem que se recusasse a fazer uso dos seus membros, perderia em breve a faculdade de se servir deles. Assim o cristão que não exercita as faculdades que Deus lhe deu, não só deixa de crescer em Cristo, mas perde as forças que possuía.

A Igreja de Cristo é o agente designado por Deus para a salvação dos homens. A sua missão é levar o Evangelho ao mundo. É essa obrigação recai sobre todos os cristãos. Cada um, na medida dos seus talentos e das ocasiões que se lhe apresentam, deve cumprir a tarefa

que foi designada pelo Salvador. O amor de Cristo, que nos foi revelado, torna-nos devedores de todos os que O não conhecem. Deus outorgou-nos luz, não para nosso exclusivo proveito, mas para a deramar sobre outros.

Se os discípulos de Cristo estivessem à altura da sua tarefa, haveria nos países pagãos milhares de pregadores do Evangelho, onde hoje só existe um. E todos os que se não pudessem consagrar pessoalmente à obra, sustentá-la-iam com as suas ofertas, a sua simpatia e as suas orações. Trabalhar-se-ia também com muito mais ardor pela salvação das almas, em países cristãos.

Se quisermos trabalhar para Cristo, não precisamos de ir para terras de missões, nem mesmo talvez de sair do estreito círculo do nosso lar, se o nosso dever aí nos retém. Esse trabalho podemos fazê-lo na nossa família, na Igreja, entre aqueles com os quais entramos em contacto ou com quem entretemos relações comerciais.

A maior parte da Sua vida terrestre, passou-a o nosso Salvador em paciente trabalho na oficina de carpinteiro em Nazaré. Vivendo ao lado de camponeses, de quem não recebia atenções nem honras, o Príncipe da vida estava rodeado de anjos. Cumpriu tão fielmente a Sua missão quando trabalhava no Seu humilde ofício como quando curava os doentes ou andava sobre as ondas agitadas do mar da Galileia. Da mesma sorte, nos deveres mais humildes e na condição mais modesta podemos andar e trabalhar com Jesus.

Diz o apóstolo: «Irmãos, cada um fique diante de Deus no estado em que foi chamado». (I Cor. 7:24). O comerciante pode dirigir os seus negócios de modo a glorificar o Senhor pela sua fidelidade. Se é verdadeiro cristão, todas as suas transacções, guiadas pela religião, não-de manifestar aos homens o espírito de Cristo. O operário pode ser diligente e fiel representante d'Aquele que labutou em trabalhos humildes nas montanhas da Galileia. Todo o que pronuncia o nome de Cristo deveria trabalhar de tal modo que os outros, vendo as suas obras, fossem

levados a glorificar o seu Criador e Redentor.

Muitos se têm escusado a pôr os seus dons ao serviço de Cristo alegando que outros possuem vantagens superiores e dons mais brilhantes. Tem prevalecido a opinião de que só os que possuem talentos especiais devem consagrar as suas faculdades ao serviço de Deus. Têm muitos a ideia de que os talentos só são concedidos a uma classe privilegiada, com exclusão dos outros, os quais, naturalmente, não são convidados a participar nem dos trabalhos nem das recompensas. Mas não é isto o que nos ensina a parábola. Quando o senhor da casa chamou os seus servos, destinou a cada um a sua obra.

Possuídos de um espírito amante, podemos cumprir os mais humildes deveres da vida «como para o Senhor». (Col. 3:23). Se o amor de Deus estiver no coração, ele se manifestará na vida. O suave perfume de Cristo nos circundará e a nossa influência produzirá efeitos sobre os que nos rodeiam.

Não tendes necessidade de vos preocupar com o que o mundo pense de vós. Se a vossa vida diária for uma testemunha da pureza e da sinceridade da vossa fé, e se os semelhantes virem na vossa conduta o desejo único de lhes fazer bem, os vossos esforços não se perderão totalmente.

Os mais humildes e mais pobres dentre os discípulos de Jesus podem ser uma bênção para outros. Talvez ignoremos o bem que fazem, mas por sua influência inconsciente, podem provocar ondas de bênçãos que aumentarão em âmbito e profundidade, e cujos resultados não conhecerão a não ser talvez no dia da recompensa final. Podem não ter a impressão de fazer grandes coisas, nem têm que se preocupar com o sucesso. O que têm a fazer é apenas prosseguir tranquilos, realizando fielmente a obra que a providência de Deus lhes designa, e a sua vida não será inútil. A sua própria alma reflectirá cada vez mais a coragem de Cristo. Serão colaboradores de Deus nesta vida e preparar-se-ão assim para a obra mais ampla e para a alegria sem par da vida futura. ●

CRUZADA DE EVANGELISMO M. V.

No dia 27 de Novembro, realizou a Juventude Adventista, em cinco localidades — Beja, Caldas da Rainha, Lousã, Vila da Feira e Guimarães — saídas missionárias com a colaboração de alguns irmãos.

Tomaram parte cerca de seiscentos jovens, que distribuíram mais de 6 mil folhetos e convites e obti-

veram 623 novos alunos para a Escola Bíblica Postal.

A tarde, em cada uma daquelas localidades, realizou-se um programa com músicas, cânticos, poesias e mensagens alusivas, em salas especialmente cedidas para o efeito.

Eis o noticiário de cada uma delas:

VISITA MISSIONÁRIA À LOUSÃ

Cerca de 100 jovens e irmãos das igrejas de Coimbra, Arganil, Figueira da Foz e Aveiro.

Durante a parte da manhã, recolheram-se inscrições para o curso bíblico por correspondência, no total de 85, ao mesmo tempo que se faziam os convites para a reunião

que teria lugar à tarde, no Salão da Filarmónica local.

Ali estiveram, além dos jovens e irmãos, cerca de 20 visitas.

Foram apresentados temas alusivos à Bíblia, poesias, cânticos e um filme de 16 mm.

ALBERTO NUNES

VISITA MISSIONÁRIA ÀS CALDAS DA RAINHA

Foi dia de festa para a Juventude Adventista Portuguesa, que se agrupou com alegria nas cidades de Beja, Caldas da Rainha, Lousã, Guimarães e Vila da Feira para ali se abrir caminho para a mensagem do Senhor.

Os jovens de Lisboa, assim como os de Santarém, Tomar, Leiria e Vila Franca foram até às Caldas.

Desde as 7 horas da manhã, começaram a chegar à igreja da Rua Joaquim Bonifácio, pouco a pouco, assim como o Sol chegava ao horizonte, devagarinho, tímido mas luminoso como a nossa juventude, e às 7.30, chegavam os autocarros que nos iriam conduzir até ao nosso destino, no meio de expansões de alegria muito jovens, muito nossas.

10 horas da manhã e todos nós, com os nossos convites para o programa da tarde e as inscrições para o Curso Bíblico por correspondência na mão, saímos para a cidade à nossa frente como David saiu, cheio do Espírito de Deus, para vencer o Golias. E foi com este grande entusiasmo e uma oração nos lábios que saímos a trabalhar, e este mesmo entusiasmo contagiou a população das Caldas que nos recebeu tão calorosamente, e pouco depois chegávamos com os molhos,

ou melhor dizendo, com as inscrições das pessoas que estavam desejosas de conhecer um pouco mais de Cristo como seu Salvador e escutar a Palavra de Deus através da rádio. Foi uma experiência maravi-

lhosa para todos nós ter estado em contacto com essas almas.

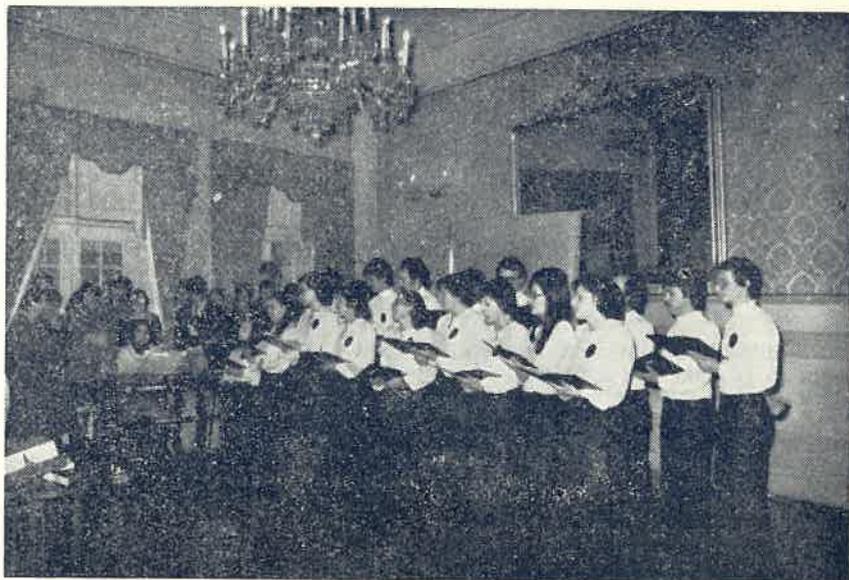
Como não podia deixar de ser, às 12.30 veio o almoço, tão merecido para quem empreendeu tamanho esforço, e, naquele parque com tantas belezas naturais, o apetite aumentou ainda e o Sol mostrou um pouco do seu calor neste dia nublado. As 14.30 chegou a chuva, que nos apressou a tomar de novo os autocarros que nos levariam ao Ginásio da Escola Industrial das Caldas, para o programa que iríamos oferecer às pessoas a quem tínhamos convidado pela manhã, e, graças a Deus, contámos com um bom grupo de caras de todas as idades que nos escutam com interesse nos nossos cânticos, poesias e mensagens de amor cristãos. Todas as igrejas participaram, joviais, neste programa. O encarregado do campo, pastor Carlos Esteves, falou sobre a nossa mensagem, da nossa esperança e da nossa fé.

Oh, que todas essas palavras tenham chegado ao coração dessas almas que vivem nas trevas e as tragam para a luz, esta luz maravilhosa que vem de Deus.

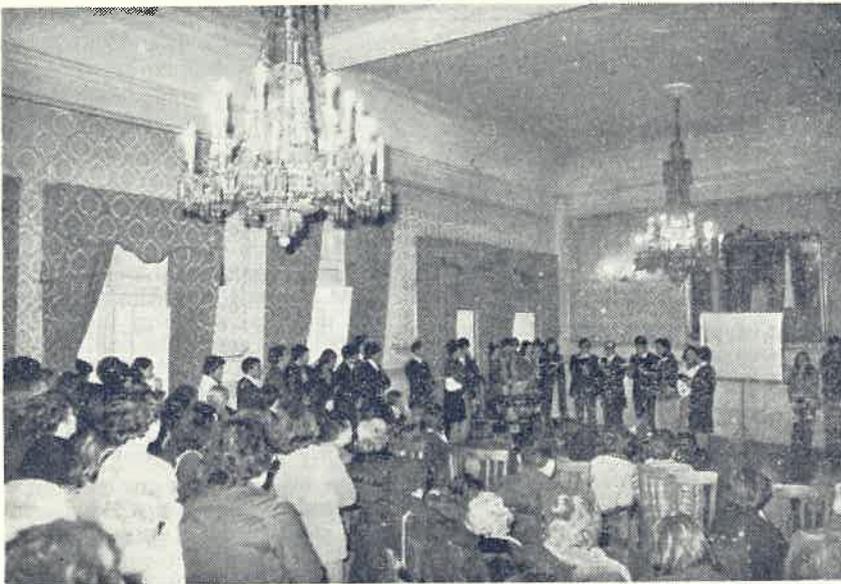
«Eis que o sementeiro saiu a semear...» contava Jesus, e nós também saímos a semear; porém, não foi trigo ou cevada que semeámos, mas a Tua palavra, Senhor e nas Tuas mãos Te entregamos esta sementeira, para que a faças frutificar abundantemente, é esta a oração de todos os Teus jovens e dos teus servos.

Vosso servo em Cristo

JÚLIO CARDOSO



Os jovens actuando no Salão da Associação Comercial de Guimarães



Um aspecto da reunião organizada pelos jovens em Guimarães

VISITA MISSIONÁRIA A GUIMARÃES

No passado dia 27 de Novembro, teve lugar a esperada e ansiada saída missionária à cidade de Guimarães. Este encontro contou com a colaboração de jovens e alguns irmãos das igrejas do Porto, Matosinhos, Vila do Conde, V. N. de Gaia, Braga e Delães. Foi um dia de autêntico Inverno mas, apesar de tudo, serviu para que todos pudessem pôr à prova o seu espírito missionário, na medida em que, da parte da manhã, se realizou uma saída, onde se distribuíram imensos convites para a reunião da tarde e se fizeram inscrições para o Curso Bíblico por correspondência. Sem dúvida nenhuma, um excelente trabalho em prol do nosso semelhante, dado que se conseguiram mais de uma centena de inscrições.

Da parte da tarde, teve lugar, no Salão da Associação Comercial local, uma reunião que contou com a colaboração de quase todas as igrejas representadas. De referir que, tanto da parte da manhã, como de

tarde, os trabalhos foram orientados pelo pastor Manuel Garrido. Além deste nosso irmão, também estiveram presentes os pastores José Manuel de Matos e Abílio Echevarria.

Foi uma tarde agradável que contou, além da presença de muitos jovens e irmãos, com cerca de 50 preciosas almas que tiveram o primeiro contacto com a nossa fé. No fim deste maravilhoso encontro, todos os participantes tinham o prazer de terem contribuído para que mais almas tivessem ouvido falar de Jesus e do Seu amor.

De seguida e, como sempre (infelizmente), foi a despedida entre todos, restando a convicção de que empreendimentos como este surgirão mais vezes, para deste modo se poder cumprir a ordem do Senhor Jesus: — «Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a todas as nações e línguas.»

ARTUR GUIMARÃES

VISITA MISSIONÁRIA A BEJA

No último domingo do passado mês de Novembro, no âmbito das actividades do Departamento da Juventude, foram convidadas as Sociedades M. V. da zona Sul do Tejo a se deslocarem à cidade de Beja, no intuito de aí realizarem trabalho missionário.

Três Sociedades M. V. responderam ao apelo: Setúbal, Barreiró e

Almada. Isto enquadrado no programa do Departamento da Juventude e nas directrizes divinas: «Cristão têm de se achar unido a cristão, uma igreja a outra igreja, o instrumento cooperando com o divino, cada agente subordinado ao Espírito Santo e todos unidos para dar ao mundo as boas novas da graça de Deus», *Serviço Cristão*, pág. 14.

Assim, cerca das onze horas da manhã, concentrámo-nos, cerca de 90 jovens, e, depois das efusivas e sinceras saudações tão comuns entre nós, dispusemo-nos ao trabalho. Dois a dois, por ruas e travessas e certos de estarmos realizando um trabalho digno, fomos avançando. Ao fim de uma hora, havíamos recolhido 115 inscrições para o Curso Bíblico por Correspondência.

Depois do almoço e de alguns momentos de convívio, dirigimo-nos à Sociedade Filarmónica O Capricho, onde durante hora e meia os nossos jovens apresentaram agradáveis números: coros e poesias, que serviram para testemunhar da fé que os anima.

Foi a segunda visita no género que o povo de Beja recebeu nos últimos anos, primícias de um trabalho mais regular e profundo que se deseja realizar ali.

Talvez não vejamos muitos frutos de imediato, no entanto o Espírito de Profecia diz-nos: «Nossas igrejas devem cooperar na obra de lavrar o solo espiritual, com a esperança de um dia ceifar... O solo é sáfaro, mas a terra inculta tem de ser lavrada e semeadas as sementes da justiça. Não vos detenhais, professores de Deus, como se duvidásseis de dever continuar um trabalho que há-de crescer à medida que for efectuado», *Serviço Cristão*, pág. 14. A julgar por estas palavras e pelo entusiasmo da totalidade dos nossos jovens ao realizarem este trabalho, cremos que é um exemplo a continuar.

ROGÉRIO FERNANDES

NOTÍCIAS DOS JOVENS

No dia 12 de Novembro realizou-se, na Igreja da Amadora, um encontro de mais de 250 jovens da área de Lisboa.

Na Igreja de Canelas, a 10 de Dezembro, mais de 150 jovens do norte reuniram-se igualmente.

O fim deste encontro era lançar um apelo aos nossos jovens para se integrarem no Plano Evangelístico da Igreja. Actuaram no programa jovens de várias igrejas, com cânticos, música e poesias.

Depois de serem informados do plano de actividades para 1978, foi lançado um apelo aos jovens presentes para responderem «Cristo Conta Comigo Agora», colaborando em 10 planos de Evangelismo «Os Jovens pelos Jovens».

Do documento «Resolução ou Revolução» foram também apresentados alguns pontos de interesse especial para a juventude, como elemento preponderante na Igreja.